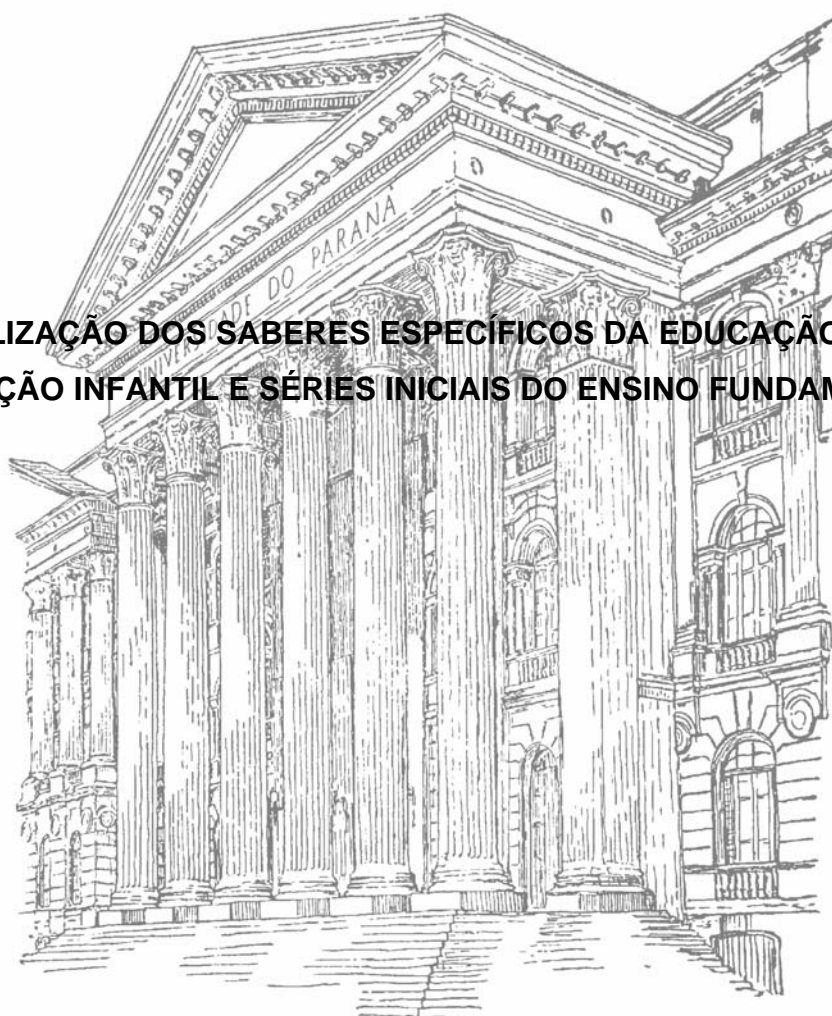


MARCOS RAFAEL TONIETTO

**A SOCIABILIZAÇÃO DOS SABERES ESPECÍFICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL E SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**



CURITIBA

2005

MARCOS RAFAEL TONIETTO

SOCIABILIZAÇÃO DOS SABERES ESPECÍFICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL E SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Ms. Sergio Roberto Chaves Junior.

CURITIBA

2005

Dedico este trabalho a minha mãe, Eliane, que me ensinou a correr atrás dos meus sonhos. Minha família linda e meus super amigos, sempre prontos a me apoiar em todos momentos da Minha vida.

Agradeço a Deus pela proteção e pelas
oportunidades postas a mim.

À minha família por entender a falta de tempo e,
mesmo assim, incentivarem nessa conquista.

Ao professor Tom Hermida pela atenção e
dicas de gênio na construção deste trabalho.

Ao Serginho que me ajudou quando eu mais precisava.

E aos amigos pela atenção, carinho e amor
dedicado em todos os momentos.

Carolina e a Caroline.

“Quando um elemento adquire gravitação de significante, no momento de sua introdução algo de novo se traça”.

Ricardo Rodolfo

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
1. INTRODUÇÃO	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	2
1.2 JUSTIFICATIVA	3
1.3 OBJETIVOS	5
1.4 METODOLOGIA.....	5
2. RENASCE UMA DISCUSSÃO	9
2.1 ENTENDENDO O CONTEXTO DAS MUDANÇAS DA EDUCAÇÃO E DA EDUCAÇÃO FÍSICA	9
2.2 REVISITANDO ALGUMAS CRÍTICAS E PROPOSTAS PARA EDUCAÇÃO FÍSICA	13
2.3 A CRIANÇA NO SEU MUNDO.....	18
3. MERGULHANDO NO COTIDIANO ESCOLAR	28
3.1 CONTRADIÇÕES E VIRTUDES	28
3.2 A “SOCIABILIZAÇÃO” NAS AULAS.....	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E ENCAMINHAMENTOS FUTUROS	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	41

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a sociabilização dos saberes específicos da Educação Física dentro do contexto escolar da Educação Infantil (0 a 6 anos) e das séries iniciais do Ensino Fundamental (1º a 4º série). Levando em conta os debates e as produções emergentes sobre metodologias utilizadas nas aulas de Educação Física, surge a necessidade da ruptura da dicotomia entre as teorias e a prática pedagógica. Para tanto é necessário observar qual o entendimento que os professores tem da metodologia que utilizam e como ocorre a sociabilização dos saberes da Educação Física nas aulas. Realizou-se então uma análise de algumas das metodologias específicas desta área através de obras de grande visibilidade no cenário nacional, publicadas nos anos finais da década de 80 e início da década de 90, período em que os níveis de ensino supracitados tiveram grandes transformações no Brasil. Após o estudo bibliográfico propõe-se uma pesquisa participante para se entender a realidade escolar e verificar através de um estudo de caso como vêm sendo sociabilizados os saberes específicos da Educação Física na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental numa escola da rede pública do município de Curitiba. A proposta tenta expor a necessidade de se trabalhar a Educação Física com objetivos e métodos bem definidos que assumam significâncias junto aos indivíduos no processo de ensino-aprendizagem. Com isso pretende-se criar subsídios para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Palavras-chave: Educação Física; Educação Infantil; Ensino Fundamental; Sociabilização dos saberes.

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the socialization of specific areas of knowledge in Physical Education within the school context of Nursery and Pre-School (0 to 6 years old) and first grades of Elementary School (1st to 4th grades). From the investigation of debates and early production concerning methodologies used in Physical Education classes, rises the necessity of a rupture of the dichotomy between theories and pedagogical practices. In order to reach that, it is necessary to observe the comprehension of the methodologies by teachers and how socialization of the knowledge related to Physical Education occurs in the course of classes. An analysis of specific methodologies in this area was carried out through nationally acknowledged bibliography, published in the late 1980's and early 1990's, period in which the above mentioned school grades went through a lot of transformation in Brazil. After the bibliographical study, an active participation is proposed, aimed at understanding the school reality and verifying how specific knowledge in Physical Education has been integrated to Nursery and Pre-School and first grades of Elementary School in a public school in the city of Curitiba. The proposal attempts to show the need of working Physical Education using well defined goals and methods that convey meaning to the individuals in the learning-teaching process. The intention, then, is to support the building of a fair and more generous society.

Key-words: Physical Education; Nursery and Pre-School; Elementary School; Socialization of knowledge.

1. INTRODUÇÃO

A partir dos anos 90 o sistema educacional brasileiro sofreu algumas mudanças. O governo de Fernando Henrique Cardoso, dentre diversas reformas para a chamada “modernização nacional”, consolidou a reforma educacional, a qual buscava superar ou transpor a crise educacional enfrentada pelo país, com altos índices de repetência, desistência e analfabetismo, causados pela má qualidade de ensino.

Dentre as ações para superar essas dificuldades, o Congresso Nacional aprovou uma série de leis que auxiliaram na formulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) – lei 9.394/96, sancionada em 20/12/96 e do Plano Nacional de Educação (PNE) – lei nº. 10.172, aprovado pelo legislativo em 09/01/01.

Nestas leis a educação é tratada em diferentes níveis de ensino, dentre os quais a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, com seus funcionamentos, objetivos e finalidades.

Esta pesquisa vem tratar da Educação na primeira infância (Ensino Pré-escolar – 4 a 6 anos – e séries iniciais do Ensino Fundamental – 1º a 4º série). Faixa etária que por muito tempo teve um trabalho de cunho assistencialista, onde o professor tinha função quase unicamente de atender as crianças.

Uma delas vem a partir da LDBEN (9.394/96). Nesta a Educação Infantil é tratada pela primeira vez como integrante na Educação Básica. A lei enfatiza a necessidade dos envolvidos no processo educacional – educadores, comunidade, e pesquisadores – estarem atentos para as definições e diretrizes das políticas públicas que auxiliarão no fortalecimento do caráter educativo do atendimento à primeira infância no país. As crianças passam a ter seus direitos garantidos por lei, o que não quer dizer que isso bastasse para que a escola ofereça um ensino de qualidade, mas a legislação dá base para mudanças.

Paralelamente ao processo de políticas públicas que influenciam nas direções que toma a Educação no contexto nacional, temos a produção teórica dos estudiosos da área que contribuem para formação dos professores que vão atuar diretamente na prática pedagógica.

Trataremos nesta pesquisa de um dos componentes curriculares que vem contemplado como obrigatório no sistema básico de ensino integrante da proposta

pedagógica das escolas: a Educação Física. A Educação Física deve se ajustar às diferentes faixas etárias e condições da população escolar.

No contexto da formulação das leis supracitadas e da preocupação com os diferentes níveis de ensino, especificamente na Educação Física, nas décadas de 80 e 90 houve uma vasta produção sobre metodologias específicas desta área nos diferentes níveis de ensino.

A Educação Física escolar vem sofrendo mudanças através do contexto sócio-histórico que está inserida e não pode ser tratada apenas como atividade física ou atividade recreativa. As atividades na escola não assumem o mesmo significado que as fora dela, pois, na escola adquirem conotação específica. Trata-se de um saber sistematizado com objetivos que assumem significância a partir de perspectivas e propostas pedagógicas definidas.

Há algum tempo que a Escola nesta faixa etária é co-responsável pelo desenvolvimento integral e global do indivíduo e a Educação Física deve estar junto ao processo de ensino aprendizagem dividindo essa responsabilidade.

A partir desta preocupação, podemos propor a seguinte questão norteadora desta pesquisa: Como sociabilizar os saberes específicos da Educação Física para as crianças, na primeira infância, de forma responsável e preocupada com a qualidade de ensino? Para atingir os objetivos desta pesquisa, pretende-se fazer uma leitura crítica das metodologias existentes, na Educação Física e dos significados que estas metodologias assumem durante as aulas, através de uma pesquisa de campo.

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Nas últimas décadas surgiram várias propostas metodológicas, mas observa-se o pouco entendimento que os professores de Educação Física detêm a respeito de sua atuação sobre como se “passar” os saberes específicos desta área de atuação escolar na Educação Infantil – 4 a 6 anos – e Séries Iniciais do Ensino Fundamental – 1º a 4º série -, período que diz respeito à Educação na Primeira Infância.

É necessária uma leitura *histórico-crítica*¹ destas metodologias, que contemple a sociabilização do saber conhecido como linguagem de movimento nas escolas com crianças na Primeira Infância.

Surge a necessidade de entender como ocorre e com que significados a sociabilização dos saberes específicos da Educação Física, dentro das Escolas de Educação Infantil – 4 a 6 anos – e Séries Iniciais do Ensino Fundamental – 1º a 4º série.

1.2 JUSTIFICATIVA

Após seis anos de prática como professor de judô em escolas de Educação Infantil e ter participado do projeto de pesquisa: “Educação Infantil: saber escolar, currículo e didática”² que objetiva o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos na graduação, visando a formação de professores, para que estejam capacitados para atuar especificamente na Educação Infantil, surgiu a necessidade de tentar contribuir para a discussão educacional sobre a relação que deve haver entre teoria e prática, nas aulas de Educação Física.

Percebe-se hoje que, muitas vezes, nos Núcleos Públicos de Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental na cidade de Curitiba são os "professores recreacionistas" os que ministram as aulas de Educação Física. Estes professores, formados em *Magistério e em Cursos Normais Superiores*³ (logo, sem estudos específicos e aprofundados sobre o campo de conhecimento Educação Física), via de regra, são contratados para desenvolver tais atividades.

Diante disso, paira a seguinte pergunta: será que esta formação (Magistério ou Curso Normal Superior) dá subsídios para trabalhar junto aos indivíduos a linguagem corporal e o movimento nas aulas de Educação Física? Será que as

¹ Para Dermeval SAVIANI, a pesquisa histórico-crítica : “Trata de explicar como as mudanças foram gerando historicamente novas formas de educação, as quais, por sua vez, exerceram influxo sobre o processo de transformações do modo de produção correspondente. (...) Pretende-se, assim revelar as bases sobre as quais se assenta a pedagogia histórico-crítica para viabilizar a configuração consistente do sistema educacional em seu conjunto do ponto de vista desta concepção educacional.” (2003, p. 03)

² Na condição de Bolsista PROLICEN – UFPR/PROGRAD.

³ O Curso de Magistério – curso técnico Ensino Médio – forma professores para atuarem com o Ensino Fundamental de 1º a 4º série e Educação Infantil. E o curso Normal Superior tem a mesma habilitação, mas em Nível Superior.

crianças têm oportunidade de vivenciar seu corpo em movimento, a partir de atividades direcionadas por especialistas? E mais que isso, entende-se aqui a escola como um local que, utilizando saberes sistematizados, desenvolve suas atividades a partir de objetivos, conteúdos e métodos. E estes passam a ser significativos e relevantes quando se procura inserir os mesmos, respeitando o contexto sócio-histórico. Quando surge a idéia de sistematização do saber defende-se que a escola deve trabalhar os conteúdos através de uma ou mais metodologias para que se atinja os objetivos pré-planejados.

Não se pretende aqui defender este ou aquele profissional, mas sim um ensino de qualidade que deve ser mediado por profissionais que tenham competência técnica e comprometimento com o trabalho educacional.

Além disso, à escola cabe uma educação que atenda os interesses dos próprios homens, pois “educação é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2003, p. 13). A própria escola surgiu de uma nova organização social e tem em mãos a possibilidade de direcionar determinadas discussões. Para tanto a escola deve atender aos interesses da sociedade como um todo.

A produção teórica e crítica construída historicamente na área da Educação Física tem contribuído para novas propostas e concepções de Educação, mas, percebe-se que o discurso teórico ainda está bem distante da prática.

A presente pesquisa busca discutir a sociabilização do saber a partir de uma reflexão teórica das produções emergentes, que contribuíram para uma práxis educativa, contribuindo para a formação e atualização dos professores que atuam com os níveis de ensino ao qual essa pesquisa se refere.

A Educação Física não deve ficar sem sua especificidade dentro da escola, pois ela, como disciplina do currículo escolar, tem que ser pensada dentro do contexto educacional integrada às demais disciplinas e assumindo significâncias no seu desenvolvimento.

1.3. OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Estimular a reflexão dos profissionais da área de Educação e da Educação Física sobre a importância de se trabalhar a Educação Física dentro das Escolas de Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, adquirindo significados e sentidos para a sociabilização deste saber.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

* Alertar para a importância da Educação Física como práxis corporal – na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental – dotada de conteúdo, a partir de perspectivas e propostas pedagógicas definidas, para sociabilizar os saberes e conhecimentos específicos desta área de conhecimento.

* Considerar qual é o entendimento teórico e prático que possuem os profissionais que atuam em uma escola do Município de Curitiba, junto aos conhecimentos trabalhados nas aulas de Educação Física.

* Verificar o lugar que ocupa a Educação Física dentro do ensino pré-escolar até o segundo ciclo do Ensino Fundamental, a partir de uma pesquisa de campo, em uma escola pública do município de Curitiba.

1.4 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos deste estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, que pretendem dialogar entre si, de uma forma dialética interdependente, ou seja, se transformam conforme seu desenvolvimento. É importante frisar que não se trata aqui de uma pesquisa terminada; ela vai servir de elemento para auxiliar na formação e atualização dos profissionais envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

No que diz respeito à pesquisa bibliográfica este trabalho procurou fazer uma análise de algumas das metodologias emergentes nos fins da década de 80 e década de 90, época em que alguns autores produziram obras que refletiram a discussão que acontecia dentro do âmbito da Educação Física. Dentre essas obras, se tentou analisar, as que a nosso ver são utilizadas por professores que trabalham com a Educação Infantil – 0 a 6 anos – e com as séries iniciais do Ensino Fundamental – 1º a 4º série - e as que vem de encontro a estas.

Essas metodologias até hoje são discutidas e utilizadas nos cursos de formação e atualização dos professores de Educação Física. Para tanto esta pesquisa pretendeu ir além do estudo das metodologias existentes, no âmbito teórico. Buscou-se aqui verificar através de um estudo de caso o entendimento que os professores de Educação Física – não necessariamente graduados em Educação Física, mas que trabalham com esta disciplina - de uma dada Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental, tem sobre as metodologias que acreditam estar utilizando, e no processo de ensino/aprendizagem como vêm sendo realmente sociabilizados os conteúdos específicos da Educação Física durante as aulas.

Verificamos o entendimento que os professores de Educação Física da Escola tem da metodologia que utiliza, através de um questionário (Anexo I) que pretendeu, de forma aberta, proporcionar que o professor ficasse livre para optar por uma ou mais metodologias, mas que pudesse expor claramente qual metodologia melhor se identifica com sua prática pedagógica.

Para verificar o processo – “como ocorre?” – de sociabilização do saber nas aulas de Educação Física foi realizada uma Observação Participante, para que o pesquisador pudesse ter uma real participação da Situação-Problema em estudo. Seguindo o paradigma da Pesquisa-Ação BEHNKEN (1979) formulou três pressupostos para uma observação participante:

1º) As definições de situações dos participantes, isto é, as próprias interpretações fornecidas através da linguagem natural do cotidiano são pontos de partida e elementos essenciais de análise. O tomar partido em favor dos investigados só se consegue depois que estes recebem a oportunidade para uma conveniente auto-apresentação.

2º) os pesquisadores participam no cotidiano, para poder vivenciar as relações dialéticas existentes entre a definição de Situações da prática do cotidiano, bem como as experiências em geral do cotidiano. As próprias interpretações dos participantes são, assim, completadas para

conceber e desvelar 'evidências' no acontecimento diário, assim como a utilização de regras e receitas irrefletidas e inquestionadas, que se constituem na convivência diária.

3º) A investigação empírica do mundo vivido é entendida assim como uma situação muito especial do Cotidiano e ao mesmo tempo como um processo Social muito complexo. (BEHNKEN, 1979, p. 216).

Uma escola municipal, no bairro do Pinheirinho, no Município de Curitiba-Pr. O bairro é o mesmo que o pesquisador reside, estando inserido assim no contexto social pesquisado o que facilita na familiarização da linguagem cotidiana natural local, além da familiarização com a realidade social daquela comunidade. Além disso, a observação se deu por um período de três semanas – no período da manhã – para que houvesse um acompanhamento completo de um conteúdo abordado pelas professoras, podendo assim partir para uma análise da sociabilização do saber nas aulas de Educação Física inseridas em um processo social complexo.

Dentre as escolas deste bairro da Cidade de Curitiba optou-se por uma Instituição Municipal. Pelo fato de Políticas Públicas do Brasil, indicarem que fica a cargo dos Municípios o financiamento da Educação para crianças das Séries Iniciais do Ensino Fundamental e das instituições de Educação Infantil ao qual se trata este trabalho.

A pesquisa participante realizada buscou entender como ocorre a sociabilização dos saberes específicos da Educação Física dentro desta instituição, que influencia e é influenciada pelo contexto social e histórico que a cerca. Obtendo então subsídios suficientes para análise da realidade vigente e para contribuir na transformação desta realidade. A importância da vivência da realidade pelo pesquisador é valorizada por OLIVEIRA (2000, p.19):

Esta é a razão pela qual não se trata de ter nos homens o objeto da investigação, de que o investigador seria o sujeito. O que se pretende investigar, realmente, não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão de mundo, em que se encontram os envolvidos seus 'temas geradores. (OLIVEIRA 2000, p.19).

Nesta perspectiva da pesquisa-ação a aquisição do conhecimento do processo vai contribuir para uma conscientização crítica do processo para transformação da realidade. Para tanto houve a anotação dos pontos observados

para a partir deles discutir sobre a prática das professoras e assim propor uma conclusão sobre esses resultados.

2. RENASCE UMA DISCUSSÃO

2.1 ENTENDENDO O CONTEXTO DAS MUDANÇAS DA EDUCAÇÃO E DA EDUCAÇÃO FÍSICA

O período da formulação da LDBEN 4.024/61 foi muito criticado pela pedagogia libertadora de Paulo FREIRE considerou esta como uma época da “manipulação do povo”, tanto através da educação como dos meios de comunicação, que preparavam os homens para manutenção da realidade vigente.

FREIRE propôs a “desalienação do povo” através de um processo educativo no qual, num primeiro passo, o educador encontraria os temas chaves que adquirissem significados relevantes para os educandos, através de um contato direto com o indivíduo na sua vida cotidiana. No segundo momento, utilizar-se-ia o método da Pedagogia Libertadora – o método do “diálogo” - onde seriam expostas as experiências vividas pelos envolvidos no processo educacional. No terceiro momento teríamos a problematização da realidade, para se compreender o mundo, as relações do homem com esse mundo e da realidade mutável. Como quarto passo valorizar o pensamento crítico para conscientizar e oferecer aos educadores subsídios para a transformação da realidade, através de uma “práxis social”.

Para Paulo FREIRE (1981): “a verdadeira aprendizagem só se realiza quando o educando se apropria do conhecimento, o redescobre e o relaciona com o mundo vivido concreto”.

Com a influência do liberalismo americano, a Pedagogia Nova chegou ao Brasil e foi ganhando força até que nos movimentos de educacionais dos anos 50 e 60 desenvolveu-se no Brasil “uma espécie de Escola Nova Popular subsidiada pela pedagogia Libertadora” (GHIRALDELLI JÚNIOR 1990, p. 129), a qual foi barrada pelo golpe da Ditadura Militar de 1964.

Com o Golpe de 64 a ditadura reaproveitou a Pedagogia Tecnicista que tomou espaço na LDBN de 1971 (Lei 5.692/71). Esta não significava uma ruptura com a LDBN de 61 – que tinha objetivo de “proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício da cidadania” (ibid, p. 179). As duas leis refletiram o contexto histórico ao qual estavam inseridas;

a de 1961 seguia princípios liberais – da democracia – já a de 1971 princípios da racionalização da educação para o trabalho – princípios da ditadura.

Dentre as alterações na Lei 5.692/71, gostaríamos de citar a ampliação da obrigatoriedade escolar de 4 para 8 anos pelo fato de a nova legislação deixa por conta do Conselho Federal de Educação a fixação do “núcleo comum do 1º grau”. Segundo GHIRALDELLI JÚNIOR (1990, p. 182): “1º e 2º graus passaram a ter disciplinas do ‘núcleo comum’, obrigatórias, e ‘uma parte diversificada’ para atender, conforme as necessidades concretas, as peculiaridades locais”. O Conselho Federal de Educação fixou o núcleo comum com: “Comunicação e Expressão”, “Estudos Sociais” e “Ciências”.

Para GHIRALDELLI JÚNIOR (1990, p. 183):

... o equívoco maior da Lei 5.692/71 não foi ainda trazido a tona. Tendo transformado todo o 2º grau em profissionalizante acabou desativando, também, a Escola Normal, transformando o curso de formação de professores de 1º a 4º série na ‘Habilitação Magistério’, que na prática passou a ser reservada aos alunos que, por suas notas baixas, não conseguiam vagas nas outras habilitações que poderiam encaminhar para o terceiro grau.

Observamos ainda que a Educação Infantil não é mencionada nas Diretrizes que orientavam a Educação em nosso país. Outro aspecto a ser considerado é que muitos dos profissionais que atuavam na formação das crianças eram direcionados, não por opção, mas por uma série de implicações advindas das reformas do sistema educacional, ou seja, os alunos que não conseguiam ingressar em outros cursos profissionalizantes no nível de segundo grau eram direcionados para os cursos de magistério.

Os cursos de magistério formavam os profissionais que atuavam como professores regentes e conseqüentemente com a Educação Física, sem uma formação específica.

Para tanto surge a necessidade de contribuir para a consolidação da Educação Física como área de conhecimento a ser trabalhada na Escola de uma forma a adquirir significância no processo de ensino/aprendizagem com objetivos bem definidos. Nesse contexto a década de 80 foi palco de um intenso debate acadêmico sobre o ensino da Educação Física Escolar o que contribuiu para que nos anos 90 surgissem várias propostas pedagógicas na Educação Física Escolar.

A Educação Física foi além das abordagens *técnicas e biologizantes*⁴; o homem passou a ser estudado no seu contexto sócio-histórico por diferentes áreas de estudo. A Educação Física articulou-se com as mais diferentes áreas do conhecimento, resultando em novas propostas teórico/metodológicas para o ensino na Escola.

Dentre as principais políticas públicas implantadas nos anos 90 temos a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN – lei 9.394 sancionada em 20/12/96), que posteriormente, conforme necessidade, foi sendo complementada por um conjunto de decretos.

É fácil observar na LDBEN 9.394/96 a concepção neoliberal que norteava a Educação e demais políticas públicas do governo de Fernando Henrique Cardoso. Verificando a forma com que foi aprovada esta lei, após um golpe dado no Projeto de Lei da Câmara – PLC – nº 101/93, que vinha sendo construído segundo Jorge HERMIDA (2000, p.60) “através de audiências públicas e ouvindo representantes do governo, de partidos e de entidades educacionais, além da interlocução mantida com o Fórum Nacional em Defesa da Educação Pública”. O PLC vinha sendo construído de forma democrática e ganhava força, chegando a ser aprovado na Câmara de Educação do Senado em 1994. Mas ao ser encaminhado ao Plenário do Senado encontrou um novo cenário, pois após a eleição de 1994 e a nomeação de Paulo Renato para o Ministério da Educação em Janeiro de 1995, emerge uma ofensiva conservadora que alega inconstitucionalidade do PLC.⁵

Com um contexto político que valorizava a liberdade da iniciativa privada na educação Darcy Ribeiro apresenta o projeto de Lei conhecido como nº62, de sua autoria. Este numa manobra política entra como um substitutivo próprio para o PLC, que ganhou força e foi facilmente aprovado na Plenária do Senado, com o voto de favoráveis às iniciativas privatistas e neoliberais do governo de Fernando Henrique Cardoso.

O substitutivo de Darcy Ribeiro teve sua redação original alterada antes da aprovação na Câmara, isso pela pressão do Conselho Nacional de Educação e por

⁴ Onde o professor de Educação Física, nas suas aulas, tinha como objetivos o desenvolvimento de práticas esportivas. E os alunos eram entendidos como seres biológicos em desenvolvimento.

⁵ Ver, HERMIDA, Jorge Fernando. O Lugar da Educação Física na Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Trajetória, Limites e Perspectivas. Revista Paranaense de Educação Física, no. 01, Maio, 2000.

deputados apoiados por setores da Educação Física. Não que as alterações estivessem ao contento da comunidade educacional, mas as pressões para alterações foram benéficas para a Educação Física. A LDBEN, na sua redação final, o artigo 26, da seção I do Capítulo II – Da Educação Básica ficou com o seguinte texto:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura.

§ 1- os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.

§ 3- A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixa etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.”⁶

Ainda no artigo 27 da mesma lei encontramos referências à prática dos esportes como conteúdo do currículo da Educação Básica:

⁶ Entre o que chamamos anteriormente de um conjunto de decretos temos:

* LEI Nº 10.328, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2001.

Introduz a palavra "obrigatório" após a expressão "curricular", constante do § 3º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

* LEI Nº 10.793, DE 1º DE DEZEMBRO DE 2003.

Art. 1º O § 3º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

§ 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno:

I - que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;

II - maior de trinta anos de idade;

III - que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;

IV - amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969;

V - (VETADO)

VI - que tenha prole."

“Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes: (...)

IV – promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais.”

Tornando-se obrigatória a Educação Física no Ensino Fundamental e Médio e assumindo peso de disciplina e não mais atividade, esta área de conhecimento ganha status diferente e precisa entrar na escola, junto às demais disciplinas acompanhando a “liberdade” e “flexibilidade”⁷ dada à base do processo educacional. Cabe à escola a elaboração de sua proposta educacional; ganhando “autonomia”.

Da mesma forma os professores de Educação Física ganham autonomia para o desenvolvimento e planejamento das atividades, para tanto surge a necessidade desses profissionais darem atenção especial às propostas metodológicas emergentes que possam auxiliar na fundamentação teórica e concepção metodológica no processo de ensino/aprendizagem.

2.2. REVISITANDO ALGUMAS CRÍTICAS E PROPOSTAS PARA EDUCAÇÃO FÍSICA

Também preocupados com a necessidade de um ensino de qualidade na Educação Física, surgem correntes metodológicas nesta área de conhecimento que tentam contribuir para formação de cidadãos críticos capazes de transformar o mundo que vivem.

Nesse sentido, em 1992, com a publicação da obra do COLETIVO DE AUTORES: “Metodologia de Ensino da Educação Física”, há apresentação de um debate entre algumas possibilidades no campo pedagógico da Educação Física: a reflexão sobre a Cultura Corporal, o Desenvolvimento da Aptidão Física, a Psicomotricidade, o Desenvolvimento motor entre outros.

O COLETIVO DE AUTORES (1992) critica a utilização da Aptidão Física nas aulas de Educação Física de forma a auxiliar na manutenção do status quo.

⁷ A LDBEN 9.394/96 prevê no seu artigo 12 que: “Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: I- elaborar e executar sua proposta pedagógica; (...)”

Segundo esses autores obra, com a utilização de exercícios e do esporte na escola, procura-se

... através da educação, adaptar o homem à sociedade, alienando-o da sua condição de sujeito histórico, capaz de interferir na transformação da mesma. Recorre a filosofia liberal para formação do caráter do indivíduo, valorizando a obediência, o respeito às normas e à hierarquia. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 36)

Ao encontro desta perspectiva vem a “cultura corporal” que busca “desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal”.(Ibid, p. 38).

A discussão da cultura corporal nas aulas de Educação Física vêm auxiliar o aluno a conhecer e entender sua realidade, que foi construída historicamente e está suscetível a mudanças. Mudanças essas que contribuirão para atender os interesses das classes das “camadas populares”, no confronto da sociedade de classes que vivem.

Para auxiliar nessa transformação é necessária uma estruturação da Educação Física Escolar através de um programa que, para o COLETIVO DE AUTORES, possui três elementos principais:

1) “O conhecimento de que trata a disciplina, sistematizado e distribuído, que geralmente se denomina de conteúdo de ensino” (ibid, p.61). Segundo o COLETIVO DE AUTORES a Educação Física trata da “cultura corporal” que tem como conteúdos “jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esportes, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros” (ibid. p.62). Os conteúdos devem ser trabalhados de forma a adquirirem significados para os alunos, no mundo em que vivem, se inter-relacionando de forma dialética com esse mundo. O conteúdo deve servir para que o aluno compreenda uma realidade, desperte sua curiosidade e o motive-se para uma atitude de transformação.

2) A partir da construção dos saberes deve-se levar em conta “o tempo pedagogicamente necessário para o processo da assimilação do conhecimento” (Ibid, p. 64). Os conteúdos a serem trabalhados devem ser organizados de forma sistematizada e distribuídos para que o aluno possa assimilá-los. Para Paulo FREIRE (1981) “a verdadeira aprendizagem só se realiza quando o educando se

apropriada do conhecimento, o redescobre e o relaciona com o mundo vivido concreto”. Acredita-se que o tempo para assimilação do conhecimento deve ser pensado a partir de uma ligação entre o conhecimento trabalhado e sua aplicação no cotidiano vivido pela criança. Para isso essa concepção utiliza-se de ciclos, que objetivam a não fragmentação do conhecimento. Através dos ciclos o professor vai orientar o aluno para uma leitura da realidade com graus de conhecimento cada vez maiores. O método vai incrementando as atividades para facilitar a assimilação dos conteúdos que são selecionados, organizados e sistematizados de forma a adquirirem significados na leitura da realidade.

3) Interagindo dialeticamente com os conhecimentos e o tempo necessário para assimilação tem-se “os procedimentos didático-metodológicos” (ibid, p.86). Na dinâmica da sala de aula, ou seja, na ação prática o professor auxilia para que o aluno assimile o conhecimento. Por isso, entende-se a aula como um espaço e tempo intencionalmente organizados para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física. E na perspectiva dessa pesquisa, quer-se repensar os procedimentos a partir da realidade infantil.

A metodologia na perspectiva *crítico-superadora*⁸ defendida neste livro implica um processo que acentue, na dinâmica da sala de aula, a intenção prática do aluno para aprender a realidade. Por isso, entendemos a aula como um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física.

Durante uma aula o professor deve, junto aos alunos, num primeiro momento levantar uma discussão sobre os conteúdos, objetivos e a melhor forma de execução das atividades; num segundo momento, apresentar os conhecimentos a serem passados e após isso construir com os alunos uma conclusão, avaliação da atividade para dar subsídios na construção dos futuros desdobramentos em aulas seguintes. Levando em conta as diferenças existentes o professor deve considerar a utilização de algumas aulas para apreensão de cada conteúdo.

No mesmo sentido de contribuir para que a Educação Física assuma as exigências educacionais, Elenor KUNZ publica, em 1991, o livro “Educação Física:

⁸ A Abordagem Crítico-superadora, segundo a classificação de Edson SOUZA e Viktor SHIGUNOV: “embasa-se no discurso da justiça social no contexto de sua prática. Busca levantar questões de poder, interesse e contestação, faz uma leitura dos dados da realidade à luz da crítica social dos conteúdos.”

ensino e mudanças”. Ele critica a valorização do esporte como forma de “adestramento do Movimento Humano”, orientados na competição e concorrência – ideais capitalistas. Nessa perspectiva, o autor cita que a Educação Física tem servido dentro do sistema Educacional “mais para reproduzir as contradições e injustiças sociais do que para mudar esta situação”. A Educação Física não leva em conta a existência de uma infinidade de brincadeira, jogos e movimentos presentes em nossa cultura.

No que diz respeito à crítica sobre a Educação Física sem objetivos educacionais, o que mais preocupa é a práxis desvinculada das teorias para transformação social. Para isso KUNZ defende que a Educação Física não pode ser uma atividade ou disciplina isolada do contexto da educação. Considera sempre que essas atividades devem: “desenvolver e ampliar o mundo do movimento das crianças, respeitando-se o contexto de mundo vivido das mesmas”. (1991, p.182). Nessa perspectiva o “Movimento Humano”, visto e interpretado por KUNZ em sua palavras como a “expressão humana”, tem como função o dialogo na relação Homem/Mundo, ou seja, o movimento é uma forma de comunicação das mais anteriores se não a primeira que a criança utiliza para se comunicar com o mundo físico, material e social e nós podemos e devemos nos utilizar dessa ferramenta para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

No que diz respeito à metodologia até então utilizada, centrada no professor – técnico esportivo dentro da escola – num caráter de domesticação, KUNZ (1991) sente a necessidade de mudanças nos conteúdos e, além disso, mudanças na concepção da relação Ensino-aprendizagem. Para o autor,

Isso significa que, ao lado da questão do ‘o que’ deve ser ensinado, deve-se colocar, também, a questão importante do ‘como’ deve ser ensinado o movimento na Educação Física. No entanto, na discussão pedagógica, outras duas questões são prioritárias às já mencionada: o ‘por que’ e o ‘para quem ensina significando: que competência queremos que os alunos adquiram e por que?’ (KUNZ, 2001, p.189)

Nesta perspectiva vê-se ainda a importância de quem ensina. Em várias situações na prática pedagógica encontramos professores sem formação específica ou que não acompanham as transformações e acontecimentos do mundo

acadêmico (sem formação continuada)? De que forma esses professores podem construir na sua prática as mudanças nos conteúdos supracitadas por KUNZ?

Tentando contribuir para a formação dos professores, preocupados com essas mudanças, Kunz (1991) defende a “temática aberta” de ensino, onde as experiências externas dos alunos são valorizadas no espaço escolar, concretizando uma aprendizagem social. A concepção de ensino aberta considera não somente o professor, mas também o aluno como sujeito responsável no processo de ensino. Para isso a aula deve partir do contexto vivido pelos alunos, estabelecendo assim um elo com os interesses e objetivos relacionados com a vida dos alunos.

Quando o ato pedagógico assume sentido e interesse aos participantes surge à possibilidade para a “ação-reflexão-ação”. Para KUNZ (1991) a utilização do movimento e jogos deve ter um sentido político e sócio-cultural que represente o contexto social. E uma problematização das ações desenvolvidas nas aulas de Educação Física junto ao rompimento com as ações rotinizadas de reprodução tornam-se “um saber, experiências, e conhecimento” de maior relevância para sua emancipação dos indivíduos.

Durante a problematização, deve-se transmitir intenções para realização dos movimentos; adquirir significados para sua realização; encontrar possibilidades para solução dos problemas; aceitar diferentes padrões de movimento e diferentes soluções para os problemas; fazer com que os movimentos adquiram sentido e significados individuais e coletivos.

A pedagogia *Crítico-emancipatória*⁹ busca articular uma prática do esporte condicionada a sua transformação crítica no interior da escola. Para isso, lança mão de uma pedagogia crítica vinculada a uma didática comunicativa. O aluno, enquanto sujeito do processo de ensino, deve ser capacitado para a sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica.

⁹ A questão da emancipação, segundo Edson SOUZA e Viktor SHIGUNOV, “pode ser entendida como um processo contínuo de libertação do aluno das condições limitantes de suas capacidades racionais críticas e até mesmo o seu agir no contexto sociocultural e esportivo.” (2001, p. 83) E para o conceito de crítico, “pode ser entendido como a capacidade de questionar e analisar as condições e a complexidade de diferentes realidades de forma fundamentada permitindo uma constante auto-avaliação do envolvimento objetivo e subjetivo no plano individual do envolvimento.” (SOUZA e SHIGUNOV, 2002, p.84)

Além de compromisso político esperamos que o professor utilize o máximo de sua criatividade e conhecimento técnico no processo educacional; no planejar, na escolha dos materiais, no desenvolvimento da aula, na prática educativa em geral. Para o desenvolvimento integral dos indivíduos por intermédio de uma ação corporal é necessário que o professor conheça a realidade e peculiaridades do nível de ensino que vai trabalhar, para assim poder transformar sua prática.

2.3 A CRIANÇA NO SEU MUNDO

As necessidades sociais para o Ensino Fundamental foram se modificando com o passar dos anos, transformando e sendo transformadas pelos novos métodos e procedimentos pedagógicos, que surgiam a partir de uma reflexão sobre a prática vigente.

No que diz respeito a oferta do Ensino Fundamental, CUNHA (1995), expõe que, “não faltam escolas nem dinheiro”, o autor apresenta os seguintes dados:

- percentagem de uma geração de crianças que te acesso à escola: 95%;
- tempo médio de freqüência na escola de 1º grau: 8,7 anos;
- tempo médio de freqüência dos não concluintes da escola de 1º grau: 6,4 anos;
- tempo médio de freqüência dos concluintes da escola de 1º grau: 11,8 anos;
- número de alunos-ano de instrução necessário para que um aluno conclua o 1º grau sem nenhuma repetência: 2%. (6º Conferência Brasileira de Educação – CBE –, 1991, citada por CUNHA, 1995)

Este estudo teve grande importância para os rumos das políticas que direcionaram a educação brasileira. Segundo CUNHA (1995, p.45) “este talvez seja o mais importante exemplo brasileiro de articulação entre pesquisa e ação política, de resultados de pesquisa que influenciaram a discussão sobre a política educacional.”

Com essa pesquisa podia-se observar que grande parte das crianças estavam nas escolas, mas a cultura da repetência contribuía para o aumento dos índices de desistências e para uma maior permanência dos alunos no Ensino Fundamental.

O principal problema do Ensino Fundamental era a falta de qualidade do ensino, dado pela falta de avaliação e acompanhamento do processo educacional, causando os desperdícios e a má distribuição de verbas, que contribuíam para a “cultura da repetência”.

Para o governo esses problemas poderiam ser solucionados dotando a escola de autonomia, introduzindo a possibilidade de gestão pela comunidade e possibilitando a escolha de conteúdos pelos professores, juntamente com os alunos e suas famílias.

Além disso, a formação continuada era necessária para dar subsídios aos professores para que estes tivessem conhecimento técnico necessário para atuar neste processo.

O Plano Nacional de Educação – PNE – que foi “elaborado” a partir do Projeto de Lei nº 4.155, no Plenário da Câmara dos Deputados, em 1998, demonstra a preocupação com a escola pública de qualidade. Em síntese, o Plano tem como objetivos:

- a elevação global do nível de escolaridade da população;
- a melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis;
- a redução das desigualdades sociais e regionais no tocante ao acesso e à permanência, com sucesso, na educação pública e
- democratização da gestão do ensino público, nos estabelecimentos oficiais, obedecendo aos princípios da participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola e a participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.
- Considerando que os recursos financeiros são limitados e que a capacidade para responder ao desafio de oferecer uma educação compatível, na extensão e na qualidade. (PNE, 1998, p. 7)

O plano propõe objetivos para educação nos próximos dez anos. Além das questões supracitadas verificamos ainda a concordância de idéias pensadas a partir da LDBEN (9.394/96) quando se refere à formação continuada e o trabalho de professores especializados. Nele vemos clara a importância da formação continuada, como compromisso das instituições superiores e do sistema de ensino.

A questão que nos intriga é: se essas medidas estão sendo colocadas em prática? Será que as escolas e os professores estão planejando seus objetivos a partir das necessidades da população?

A discussão sobre a Educação Básica deve-se iniciar pela primeira etapa, ou seja, a Educação Infantil. No contexto dos anos oitenta e noventa tornou-se emergente na sociedade brasileira a preocupação com a educação das crianças menores.

Cresce o debate a respeito das políticas educacionais para Educação Infantil e com isso vão ocorrendo intensas transformações. Entre estas transformações temos sua legitimação, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, que passa a reconhecer as “creches” - para crianças de 0 a 3 anos - e “pré-escolas” - para crianças de 4 a 6 anos – como parte do sistema educacional, integrantes da primeira etapa da Educação Básica.

Ao ser recentemente considerada a Educação Infantil, como parte da Ensino Fundamental no Brasil, o novo status jurídico propiciou o surgimento e desencadeamento de debates a respeito dos conteúdos que deveriam integrar esse setor de ensino para um desenvolvimento humano harmonioso. E, nesse novo contexto, a presença da Educação Física no currículo escolar infantil passa a ser fundamental, através das atividades lúdicas.

No que diz respeito ao ser humano, sabe-se que a brincadeira faz parte, do ponto de vista ontológico, da vida, desde o início da humanidade. No entanto, percebe-se com preocupação que as instituições educacionais se preocupam em culturalmente programar a seus alunos para não serem seres lúdicos. Nessa perspectiva, ao estar impedida de vivenciar seu presente – sua natureza – a criança vai perdendo o interesse pela brincadeira ao entrar na vida adulta, porque desde o começo ela foi impedida e reprimida de vivenciar esse intenso momento de forma prazerosa. Na verdade, essa visão dominante é a visão que impõe para seus integrantes a organização social dominante, isto é, a sociedade na qual tanto as crianças quanto as instituições educacionais estão inseridas: a sociedade capitalista.

Na tentativa de entender o que passa com a criança, Ricardo RODULFO (1990), leva em conta os significantes do jogo e da brincadeira no mundo infantil, pois a criança não se inicia e termina no seu corpo, ele considera importante, a “pré-história” do indivíduo, caracterizada por ser, as “gerações anteriores” e as “questões que a rodeiam” (família, folclore e cultura).

Do nosso ponto de vista, não há nada significativo na criança que não passe pelo brincar, para avaliar o estado de desenvolvimento simbólico de uma criança,

não há nenhum índice que forneça mais claramente, o estado de suas possibilidades, do que durante uma brincadeira. O brincar tem caráter de produção e através dele a criança vai construindo seu corpo, seu mundo e conceitos que lhe acompanharão pelo resto de sua vida. Através das atividades lúdicas as crianças adquirem marcos e referências significativas, que permitem o conhecimento do Eu, descobrindo o mundo dos outros e dos objetos.

Os Referenciais Curriculares Nacionais – RCNs – também chamam atenção para importância do brincar na Educação Infantil entendendo este ato como “uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o não brincar” (1998, p.27), vendo assim a brincadeira como uma forma da criança se expressar.

Dentro da escola, onde o aluno passa grande parte do seu tempo, deve haver tempo e espaço para que as crianças possam se manifestar ludicamente; não somente espaço físico, mas também disponibilidade. A atividade lúdica é o berço das atividades intelectuais e sociais superiores, por isso indispensável à prática educativa.

É preciso organizar a brincadeira dentro das aulas de Educação Física, de tal forma que, sem destruir ou desvirtuar seu caráter lúdico, contribua para formar qualidades do cidadão do futuro.

É possível que o espaço de aprender e brincar seja o mesmo, embora brincar não tenha o mesmo significado que aprender. FERNÁNDEZ (2001, p. 36) consegue deixar bem clara esta diferença ao citar que “brincando descobrimos a riqueza da linguagem e aprendendo, vamos apropriando-nos dela. Brincando inventamos novas histórias, o aprendizado permite-nos ser nossos biógrafos”.

Durante a brincadeira, a criança usa recursos próprios utilizando o corpo, associando com os recursos disponíveis no ambiente e traz para o contexto do brincar, situações vivenciadas por ela ou por outras pessoas (imitação), construindo assim novos significados.

Não queremos concluir que o brincar seja o único conteúdo ou eixo das aulas de Educação Física na Educação Infantil, mas vemos que através dele podemos atingir os *objetivos da Educação neste nível de ensino*.¹⁰

¹⁰ Para os REFERENCIAIS CURRICULARES NACIONAIS, os objetivos gerais da Educação Infantil seriam: desenvolver uma imagem positiva de si; descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo; estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças; observar e explorar o

Valorizando o mundo lúdico infantil e considerando que a criança chega cada vez mais cedo na escola – fator da nova organização social onde os pais precisam trabalhar e não tem com quem deixar os filhos – a obra, “Educação de Corpo Inteiro” de 1989 de João Batista FREIRE (1989), já delineava indispensável que as crianças tenham professores qualificados, cientes da importância do seu trabalho. Pois a pré-escola não deve assumir apenas um papel assistencialista de apenas cuidar das crianças.

Muitas vezes, escolas utilizam-se da concepção que o espaço escolar deve ser lugar para trabalhar exclusivamente a mente. O corpo se torna um estorvo. Para FREIRE (1989, p.13): “Corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo. Ambos devem ter assento na escola, não um (a mente) para entender e o outro (o corpo) para transportar, mas ambos para se emancipar”.

A criança tem como característica principal a intensidade de movimentos. Para tanto ela não vai para a pré-escola apenas com o intuito de se alfabetizar; portanto se deve proporcionar um contexto significativo para ela. Segundo FREIRE (1991) a Educação Física e o jogo não são a solução para os problemas pedagógicos, mas ele não encontra razões para não valorizá-los.

No livro é fácil identificar a crítica para os que valorizam a padronização dos movimentos das crianças, e também a defesa de “esquemas motores”, ou seja, quando os movimentos são construídos pelo sujeito através de recursos biológicos, psicológicos individuais e das condições do meio que vive. As aulas de Educação Física devem contemplar o movimento, mas não desconectando do seu papel pedagógico, “... a Educação Física deve atuar como qualquer outra disciplina da escola, e não desintegrada dela”. (FREIRE, 1989 p. 24)

No trabalho direto do professor junto ao aluno deve-se valorizar as vivências e o mundo da criança, segundo FREIRE (1989, p. 24) “finalizando, a adoção de atividades da cultura infantil como conteúdo pedagógico facilita o trabalho de professores das escolas de primeira infância, pois garante o interesse e a motivação das crianças.”

ambiente com atitude de curiosidade; brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades; utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) · conhecer algumas manifestações culturais. (1998, p.63)

João Batista Freire defende que o professor especializado em Educação Física, por ter um preparo maior para o trabalho junto a esta disciplina, torna-se mais competente tecnicamente para o ensino desta disciplina que o professor regente. Não que apenas isso seja suficiente, mas terá assim mais subsídios para o trabalho pedagógico dentro da especificidade desta área de conhecimento. É importante considerar que o professor deve estar ciente de seu compromisso político, com a formação dos indivíduos.

Além de compromisso político esperamos que o professor utilize o máximo de sua criatividade e conhecimento técnico no processo educacional; no planejar, na escolha dos materiais, no desenvolvimento da aula, na prática educativa em geral.

Para o desenvolvimento integral dos indivíduos por intermédio de uma ação corporal é necessário que o professor conheça a realidade e peculiaridades do nível de ensino que vai trabalhar, para assim poder transformar sua prática.

Para tanto vemos que a Educação Física neste nível de ensino tem que superar em sua especificidade a crise que passava a própria Educação Infantil ao ser considerada apenas com a função assistencialista. Se desenvolvermos nas pré-escolas, atividades unicamente assistencialistas e recreativas estaremos trabalhando contra os interesses das camadas de mais baixa renda.

A Escola de Educação Infantil deve ter consciência da importância do ensino neste nível para o desenvolvimento dos indivíduos. O PNE (1998) considera que essa importância é dada porque:

as primeiras experiências da vida são as que marcam mais profundamente a pessoa. Quando positivas, tendem a reforçar, ao longo da vida, as atitudes de autoconfiança, de cooperação, solidariedade, responsabilidade. As ciências que se debruçaram sobre a criança nos últimos cinquenta anos, investigando como se processa o seu desenvolvimento, coincidem em afirmar a importância dos primeiros anos de vida para o desenvolvimento e aprendizagem posteriores. E têm oferecido grande suporte para a educação formular seus propósitos e atuação a partir do nascimento. A pedagogia mesma vem acumulando considerável experiência e reflexão sobre sua prática nesse campo e definindo os procedimentos mais adequados para oferecer às crianças interessantes, desafiantes e enriquecedoras oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem. A educação infantil inaugura a educação da pessoa.”(PNE, 1998, p. 13)

E a Educação Física vai justificar seu desenvolvimento na Educação Infantil a partir de sua especificidade, já que ela vai trabalhar justamente com o cognitivo e afetivo, conectados com o movimento e de forma lúdica. Isso deve ocorrer a partir de saberes específicos, com objetivos e métodos definidos. Segundo Eduardo SILVA (2005):

essa função educativa e social da disciplina [Educação Física] como área de conhecimento torna-se consistente na medida em que orienta uma ação pedagógica objetivada a ampliar a reflexão pedagógica da criança, contribuindo para que a organização do seu pensamento se constitua de forma cada vez mais complexa e desenvolvida. (SILVA, 2005, p.128)

Entendendo o processo educativo como contínuo a criança ingressa no Ensino Fundamental, nesta fase, ela continua tendo um corpo que necessita de movimento e deve ser respeitado. Sendo assim acreditamos que a Educação Física deve continuar trabalhando o afetivo, cognitivo, de forma conectada com o físico, mas outras atividades devem ser pensadas para além disso. É necessário desenvolver na criança a capacidade de perceber sua realidade e das possibilidades de transformação, a partir de atividade durante as aulas, que podem dar subsídios para uma futura transformação do seu *lócus* social.

Segundo João Batista FREIRE (1989), a Educação Física no *primeiro grau*¹¹ deve fazer conexão com a vida das crianças, as atividades das aulas têm que assumir uma conotação científica. Elas fazem com que o aluno se relacione com o mundo, compreenda essas relações; auxiliam na conexão dos conteúdos escolares com mundo concreto. “Não se passa do mundo concreto à representação mental senão por intermédio da ação corporal” (1989, p. 81).

Se na Educação Infantil as crianças sentem dificuldade de ficar estáticas, quando ingressam no Ensino Fundamental parecem estar programadas a partir de

¹¹ Na época do trabalho do autor, a diferença do sistema de ensino ainda tinha essa nomenclatura. A atual é Ensino Fundamental.

uma “educação bancária”¹² e as que continuam tendo a dificuldade de ficar estáticas são consideradas como “problemáticas”.¹³

Neste nível de ensino é difícil justificar a Educação Física por uma ou outra perspectiva pedagógica, mas vemos que a real sociabilização do saber deve contemplar o aluno em sua totalidade conectando corpo e mente como um só. João Batista FREIRE (1989) esclarece seu entendimento sobre aprendizagem, na Educação Física, “não é apenas educação do, ou pelo movimento: é educação de corpo inteiro, em relação aos outros corpos e objetos no espaço.” (1989, p.84)

Para auxiliar na percepção da importância da Educação Física no Ensino Fundamental retomaremos brevemente à discussão sobre o papel da educação neste nível de ensino, pois ela não deve estar desconectada do que é previsto para escola:

ser um espaço de formação e informação, em que a aprendizagem de conteúdos deve necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia-a-dia das questões sociais marcantes e em um universo cultural maior. A formação escolar deve propiciar o desenvolvimento de capacidades, de modo a favorecer a compreensão e a intervenção nos fenômenos sociais e culturais, assim como possibilitar aos alunos usufruir das manifestações culturais nacionais e universais. (PCNs, 1997, p. 45)

Especificamente na Educação Física vê-se nos PCNs a citação de fatos históricos, identificação da crise de identidade da área, mas sem um embasamento específico. Nestes há a sugestão de se substituir o termo Educação Física por “Educação Corporal”, mas a mistura de concepções e termos deixa confusa as idéias dessa concepção.

A dificuldade de se colocar os PCNs como forma de auxiliar no desenvolvimento do trabalho pedagógico do professor de Educação Física aumenta com a infinidade de termos adotados, sem esclarecimentos e colocados como sinônimos, entre eles: educação corpora, aprendizagem motora, ciência da motricidade humana, cultura corporal, cultura corporal de movimento, entre outros.

¹² Educação bancária citada por FREIRE (1989), como sendo a educação que obriga a criança a ficar quase o tempo todo sentada, sem se movimentar e a receber apenas as informações, como um “depósito” de conhecimento.

¹³ Realidade encontrada durante a pesquisa de campo realizada nesta pesquisa, que será aprofundada no seguinte capítulo.

Proporemos aqui uma concepção metodológica que auxiliará na análise de um conteúdo que pode ser considerado dentro das escolas nas séries iniciais do ensino fundamental. Como viés de promover a reflexão sobre o papel dos indivíduos na realidade produzida historicamente, acumulada pela humanidade e que necessita ser transmitida para os alunos na escola. Segundo COLETIVO DE AUTORES (1992), a Cultura Corporal tem a característica de,

desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esportes, malabarismos, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. (1992, p. 38)

Dentre os conteúdos utilizados pela Cultura Corporal, esta pesquisa escolheu para aprofundamento a um dos saberes que consideramos fundamental no trabalho junto Ensino Fundamental: o jogo.

O jogo, presente em qualquer atividade humana, é mais antigo que a cultura e acompanha a vida em sociedade, presente desde sua mais distante origem, participando diretamente nas transformações sociais. Para Johan HUIZINGA (2000, p. 3), "... os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica." Para ele o jogo é um fenômeno cultural, que deve ser analisado de uma perspectiva histórica. O jogo é fundamental para a construção e transformação da história da criança e da sociedade.

No jogo a criança age com liberdade e espontaneidade, ela protagoniza as situações, torna-se a condutora da atividade, se vai brincar de escolinha, por exemplo, ela mesma distribui os papéis, encontra os materiais que irão representar o quadro, as carteiras, ou seja, a criança rompe com o paternalismo que muitas vezes é imposto pelos professores primários.

Durante o jogo a criança age dentro da zona de desenvolvimento proximal, interage com o meio (outros indivíduos e natureza), coloca em ação as funções psicológicas superiores. Para VIGOTSKI (1985, p.89) a zona de desenvolvimento proximal é: "a diferença entre o nível de resolução de problemas sob a direção e com a ajuda dos adultos e aquele atingido sozinho". Esta ajuda resulta da interação

com indivíduos de diferentes graus de desenvolvimento. No jogo existe a confirmação de objetivos comuns, confronto de idéias, busca de soluções, competição e cooperação, entre os participantes que possuem diferentes vivências historicamente produzidas.

O jogo e a brincadeira são significantes imprescindíveis para o desenvolvimento das inteligências, de forma livre e lúdica, com eles a criança vai construindo sua realidade. Segundo RODULFO (1990), “Quando um elemento assume gravitação significativa, no momento de sua introdução, algo de novo se traça...” (p. 21) Não há nenhuma possibilidade de que uma pessoa desenvolva sua inteligência se tem inibida sua liberdade e afetividade, se não se expressa no seu mundo interno e social, ou seja, se não joga. O jogo é a base do que logo vai ser a capacidade de pensamento.

Vendo assim, a necessidade de uma Educação Física que respeite a criança em seu desenvolvimento, trabalhando seu cognitivo, afetivo e motor, desenvolvendo ainda seu olhar crítico para as relações sociais que está inserida, viu-se a necessidade de uma análise da realidade escolar.

3. MERGULHANDO NO COTIDIANO ESCOLAR

3.1 CONTRADIÇÕES E VIRTUDES

Para se iniciar a discussão da sociabilização do saber nas aulas de Educação Física vimos a importância de contextualizar a realidade da Escola pesquisada.

A escola está localizada, no Bairro do Pinheirinho. A região que se localiza a escola é caracterizada como residencial, apesar de existirem algumas indústrias de pequeno porte nas proximidades. Próximo à escola existe ainda: um posto de saúde, uma creche, igrejas, escolas particulares – de Educação Infantil e Ensino Fundamental – e associação de moradores.

Das famílias que freqüentam a escola 79% possui casa própria, sendo que dessas 75% são de alvenaria. A renda familiar fica em torno de 1 a 3 salários mínimos para 46,5% dos alunos, entre 3 e 5 salários para 35,1% e inferior a 1 salário mínimo para 12,2%. Neste caso a situação econômica classificada é média e baixa.¹⁴

A partir dessas informações confirmamos a difícil realidade econômica, inicialmente encontrada na pesquisa de campo. Dificuldade que reflete em alguns acontecimentos durante o processo educativo, neste estabelecimento em específico e em outras escolas públicas do Município de Curitiba. Justifica-se a partir dessa realidade uma Educação Física que auxilie na leitura e transformação da realidade.

A escola possui duas professoras que lecionam as aulas de Educação Física no período da manhã – período pesquisado. Vamos nos referir a elas como sendo Professora 1 e Professora 2. As informações que passo a analisar foram obtidas através de um questionário (ANEXO I) respondido por elas, em diferentes momentos.

A professora 1 foi muito acessível, respondendo o questionário juntamente com o pesquisador em poucos minutos. Ela tem 26 anos de idade e durante sua formação acadêmica, inclui-se o Curso de Magistério, concluído em 1996, Curso de Licenciatura Plena em Educação Física pela PUC-PR, concluído em 2000 e o recente Curso de Especialização em Educação Física Escolar pela UFPR, concluído em 2005.

¹⁴ Informações retiradas do Projeto Político Pedagógico da escola.

Ela trabalha há 9 anos como professora de Educação Física e no momento não tem vínculo empregatício com outra instituição ou empresa. Sua carga horária na escola é de 20 horas semanais. Incluindo-se nestas horas, duas aulas semanais (Educação Física) para cada turma, entre elas há, uma turma de Pré (5 e 6 anos), uma turma de 1º série, três turmas de 3º série e três turmas de 4º série.

Já a professora 2, insistiu em levar o questionário para casa, devolvendo-o apenas duas semana depois. Ela tem 27 anos e na sua formação inclui-se também o Curso de Magistério, concluído em 1996; Curso de Graduação em Letras pela PUC-PR, concluído em 2004. Atualmente está cursando uma Especialização em Literatura pela UFPR, a qual iniciou em 2005.

Ela trabalha há 5 anos como professora de Educação Física, mas frisa ao responder o questionário que atua como “Recreacionista”. No momento não tem vínculo empregatício com outra instituição ou empresa. Sua carga horária na escola é de 20 horas semanais. Incluindo-se nestas horas duas aulas semanais de Educação Física para cada turma entre elas, uma turma de Pré (5 e 6 anos), uma turma de 1º série, duas turmas de 2º série. Ela também atua como professora de artes.

Ao analisarmos as respostas e a prática das professoras será importante sempre ressaltar que a professora 1 tem formação específica para o trabalho com a disciplina de Educação Física, estando ainda em formação continuada, por ter recém terminado o curso de especialização.

Já a professora 2 atua, como ela própria descreve e frisa em suas atuações como “Recreacionista”, ou seja, não tendo formação específica, utiliza-se de algumas “brincadeiras” em suas aulas. Ela também está em formação continuada apesar de esta atualização não se referir especificamente à Educação Física. Voltaremos a esse ponto ao verificarmos o desenvolvimento das aulas.

A primeira questão que diz respeito às metodologias foi construída da seguinte forma: “Tem conhecimento de alguma metodologia específica da Educação Física? Qual?”

As respostas foram encaminhadas para dois lados bem distintos. A professora 1 demonstrou o conhecimento de uma metodologia através da “Metodologia Crítico-Superadora – Coletivo de Autores, a qual trabalha com ciclos de aprendizagem e ressalta uma Educação Física contextualizada com a realidade,

entendendo os conteúdos da Educação Física (jogos, ginástica, dança, esporte, capoeira) como criações historicamente humanas”.

Verificamos aí o conhecimento específico da professora, presente na resposta, provavelmente pela recente formação. Ao citar a Metodologia Crítico-superadora, uma das metodologias mais conhecidas e emergentes nos debates acadêmicos atualmente, ela demonstra estar interada na discussão atual da Educação Física. Além disso, ela parece ter conhecimento sobre como atuar nesta perspectiva.

Por outro lado, a professora 2 parece não ter conhecimento de nenhuma das metodologias específicas da Educação Física, já que em sua resposta, não cita nenhuma, apenas discorre que, “No Magistério tivemos a matéria de metodologia da Educação Física e cursos ministrados pela própria prefeitura municipal”.

Antes de verificar o processo de ensino/aprendizagem vemos a necessidade de entender de que forma são construídas as aulas, ou seja, a partir de que eixo norteador elas são planejadas ou pensadas. Para isso verificamos se cada uma das professoras, “Utiliza alguma das metodologias específicas da área de atuação da Educação ou da Educação Física em seus planos de aula?”

A professora 1 demonstrou flexibilidade nesta questão já que segundo ela, “gosto muito da linha crítico-superadora, tento elaborar os planos de aula dentro desta sistemática, mas às vezes alguns conteúdos ficam mais difíceis de se trabalhar quando nos deparamos com a realidade dos nossos alunos”. Dessa forma verificamos que na prática pedagógica em diferentes momentos, podemos necessitar de diferentes metodologias que facilitarão na aquisição do conhecimento pelos alunos.

A professora 2, de forma muito sintética, cita alguns instrumentos que lhe estariam auxiliando no seu trabalho. Segundo ela “a proposta das diretrizes curriculares municipais e as discutidas com a *MD*¹⁵ da Escola” lhe auxiliam em seu planejamento.

Ainda com relação ao planejamento das aulas é importante ressaltar que ao tentar observar o planejamento das aulas de Educação Física, verificamos que elas não o fazem. A professora 2 não respondeu sobre o planejamento, quando

¹⁵ MD, refere-se a contratação de professora, com formação específica e neste caso para o cargo de professora de Educação Física.

indagada. Já professora 1 comentou que apenas anota o que vai dar nas aulas em um “caderninho” em casa. Elas apenas constroem um planejamento semestral que se encontra em anexo (ANEXO II).

Até o momento defendemos que a Educação Física deve ser pensada e sociabilizada a partir de objetivos pré-determinados, mas ao nos depararmos com a realidade deste cotidiano escolar vemos que isso não está acontecendo. No plano semestral vemos que os conteúdos podem ser os mais diversificados possíveis e confundem-se com habilidades. Parece que, assim como ocorre nos PCNs, encontramos divergências e confusão entre concepções de conteúdos, onde tudo parece ser válido.

Em outras questões como, o trabalho em grupo, a cooperação, a auto-estima são muito bem desenvolvidos pela professora 1. Já nas aulas da professora 2, não foi observado o trabalho dessas questões nos “Encaminhamentos Metodológicos”.

Para aprofundarmos na questão principal desta pesquisa vimos a necessidade de verificar se a professora, “Utiliza-se de alguma metodologia durante suas aulas, o que? E de que forma?”

A professora 1 segue respondendo na perspectiva crítico-superadora. Segundo ela, utiliza-se “Da citada acima [crítico-superadora], tendo na maioria das aulas propor a ação-reflexão-ação melhorada, levando os alunos a se sentir pertencentes aos conteúdos e a realidade. Trabalho também com aulas em sala, criando e recriando atividades propostas, com pesquisas. Acredito que a colaboração do aluno (o que ele traz de casa) é fundamental para o enriquecimento das aulas.”

Já a professora 2 continua não demonstrando conhecimento sobre metodologias. Segundo ela utiliza-se de uma metodologia, mas sua justificativa parece confusa, segundo ela: “modifico as atividades para que estas fiquem mais próximas dos alunos”.

Acredito que, as análises destas questões devem ser feitas paralelamente á análise das aulas desenvolvidas pelas professoras. Para tanto trataremos dessa análise no item a seguir.

3.2 A “SOCIABILIZAÇÃO” NAS AULAS

Durante as observações ocorriam anotações de todos os acontecimentos considerados relevantes para atingir os objetivos da pesquisa¹⁶. Gostaria de expor alguns detalhes das aulas observadas das professoras para relacionar com o que foi respondido e melhor demonstrar a realidade das aulas.

Iniciaremos a discussão com as observações da professora 1. Ela demonstra uma distinção muito grande durante as aulas com a 3^o e 4^o séries comparando-se com as aulas do Pré e 1^o série.

Com a 3^o e 4^o série as aulas observadas tiveram como conteúdo principal o Atletismo. Sempre há uma conversa inicial explicitando o conteúdo que vai ser dado. Era comum ela citar: “hoje vamos trabalhar a corrida de fundo”, ou “corrida com barreira”, “salto em distância”.

Após uma conversa inicial a professora faz um aquecimento, geralmente relacionado com o esporte a ser trabalhado. O aquecimento variou com atividades lúdicas, corrida em volta da quadra e alongamento.

Na sua parte principal a aula teve a formação de filas, geralmente divididas em meninas e meninos, para a simular a prova do atletismo a ser realizada, como por exemplo, a divisão em filas para percorrer uma pista improvisada com vários materiais para corrida com obstáculos (importante ressaltar a criatividade da professora). A professora não prioriza somente a técnica; ela valoriza a passagem dos obstáculos de diferentes formas. E isso se repete nas demais aulas.

Nas aulas com estas turmas é importante ressaltar sempre o caráter incentivador da professora com palavras como: “muito bem”, “continua assim”, “você consegue”. Além disso, ela ajuda todos a realizarem e explicitando que “os erros acontecem, mas temos que tentar superá-los”.

Para encerrar a aula a professora costuma perguntar se os alunos gostaram e se aprenderam algo novo. Porém não pude perceber nas aulas observadas a realização de discussões sobre os conteúdos e sua relação com o cotidiano.

No que diz respeito à metodologia explicitada no questionário pela professora – crítico-superadora – e a metodologia utilizada no cotidiano da sociabilização dos

¹⁶ Coloquei em anexo (ANEXO III) todas as anotações das observações e procuro analisar mais detalhadamente algumas aulas que considere relevante, tentando estabelecer um contraponto das aulas das duas professoras.

saberes encontramos divergências. Ao meu ver suas aulas se aproximam muito mais da metodologia crítico-emancipatória defendida por KUNZ (2001) e já explicitada neste trabalho. O que estaria caracterizada pela objetivação de Emancipação pelo esporte através de uma contextualização do sentido do fazer o esporte. Não que isso signifique um problema, pelo contrário já foi citado, a possibilidade de se trabalhar a partir de mais de uma metodologia e também, a professora previa ao responder o questionário a dificuldade de se trabalhar nessa perspectiva alguns conteúdos. Para tanto não se pretende neste momento verificar qual a melhor metodologia a ser utilizada, mas que a utilização de uma delas influencia diretamente para se atingir os objetivos do trabalho pedagógico.

A professora 1 é a única que trabalha com estas duas séries. E nessas verificamos que as aulas são de boa qualidade e bem aceitas pelos alunos e que estes sentiram os efeitos principalmente dos conceitos sociabilizados como, respeito ao próximo, trabalho em equipe, desenvolvimento da auto-estima, entre outros.

Nas aulas do Pré, da 1º e 2º série observou-se a utilização principalmente de jogos pré-desportivos e estafetas, através de atividades lúdicas que respeitassem o mundo infantil.

Com esses alunos a professora utilizou um vocabulário mais carinhoso e da mesma forma que trabalha com as outras turmas inicia a explicitando o conteúdo a ser trabalhado, como familiarização com a corda, equilibrar (perna de pau), saltar, entre outros.

Nestas aulas a professora utilizou as brincadeiras e os jogos mais diversificados sempre de forma a aflorar a imaginação dos alunos, contando histórias, utilizando animais nas atividades, sempre atuando para o desenvolvimento do acervo motor das crianças.

Nesta perspectiva percebemos a proximidade das aulas com a abordagem construtivista defendida por João Batista FREIRE (1989), entre outras que se referem aos jogos. A professora objetivou a promoção do crescimento dos alunos, utilizando-se do jogo, da brincadeira e valorizando o mundo da imaginação.

Estes elementos podem ser encontrados em uma aula que os exemplificam (aula do dia 22/09/2005). Nesta aula a professora inicia com uma brincadeira onde, existe um pegador que encosta a bola nos amigos, colando-os. Interessante que a forma dos colegas serem descolados, é recebendo um abraço. Nesta atividade a

professora resgata a noção de cooperação, pois quando salvar o colega estará contribuindo para que o mesmo possa lhe salvar no futuro da atividade. Além disso, a professora ressalta a necessidade de se estar salvando os amigos.

De uma forma progressiva no mesmo dia, a professora desenvolve o “pega-pega em círculo”, brincadeira em que os alunos estão dispostos em uma roda e um pegador que está fora tem que encostar em um colega. Para que isso não ocorra é necessário que os alunos se unam, não solte a mão do colega e ajam de forma organizada e conjunta ao girar a roda. Com esta atividade a professora encontrou brechas para relacionar a ajuda individual com a necessidade do trabalho em equipe para atingir objetivos.

Neste mesmo dia a professora desenvolveu atividades para ampliar o acervo motor das crianças, evidenciando o seu mundo de imaginação. Isso quando a professora pede que os alunos imaginem o muro de um castelo e pede que os alunos saltem de um lado para o outro da corda. Ela também comenta sobre as possibilidades de se trabalhar com a corda que não apenas, das formas tradicionais, ou seja, pulando enquanto ela gira. Neste momento verificamos a necessidade desse trabalho para esta faixa etária já que, alguns alunos, não têm desenvolvimento motor condizente para pular da forma tradicional.

As formas de se pular de um lado para outro da corda inicialmente são as demonstradas pela professora, mas logo a seguir ela pede que os alunos inventem novas formas. Neste momento acontecem elogios para os alunos que utilizam sua criatividade na atividade.

Gostaria de ressaltar o ótimo trabalho pedagógico desenvolvido por esta professora. Talvez se ela desenvolvesse um estudo para planejar e desenvolver suas aulas de forma mais condizente com sua atuação prática poderia ter mais claramente seus objetivos para essas aulas atingindo-os mais facilmente. Vemos aqui não a importância de uma ou outra concepção, mas a importância de uma reflexão voltada para prática para o melhor desenvolvimento e aproveitamento do espaço pedagógico.

Para encaminharmos os estudos sobre a prática da professora 2 seguiremos os mesmos princípios. Nessa análise não se observou distinção entre as aulas nos

diferentes níveis que trabalha esta professora, tanto porque as aulas observadas foram iguais para todas as turmas que ela atua – Pré, 1º e 2º série. Não temos subsídios suficientes para dizer se a prática seria a mesma na 3º e 4º séries, já que a professora não leciona aulas para estas.

Fica difícil analisar a sociabilização do saber das aulas desta professora, pela repetição de conteúdos e falta de objetivos nas aulas. Pois, em quatro aulas ministradas por ela em cada turma, duas foram praticamente idênticas. Além do mais, os alunos comentaram que já haviam feito as mesmas atividades nas duas aulas anteriores, ou seja, a aula iniciava com duas filas, uma de meninos e outra de meninas. A professora chamava um ajudante para segurar a corda com ela (quem segurava a corda ficava a aula toda fazendo isso sem participar das outras atividades!). Os alunos tinham que, um de cada vez, saltar a corda em determinada altura. Em seguida, pular a corda que estava balançando, passar a corda que estava girando sem tocá-la e entrar com a corda girando e pular até errar.

O comentário de um dos alunos foi interessante na minha observação: “eu já sei pular a corda de novo”. Não posso afirmar quantas aulas iguais a esta foram ministradas, mas, pelo descontentamento do aluno, acredito que não foram poucas. Nas aulas com o Pré, a única alteração é que os alunos não realizam a atividade de pular a corda girando já que em seu desenvolvimento motor eles ainda não têm condições para realizá-la.

É importante ressaltar que a preocupação da professora era com a “ordem” da fila. Os alunos que estavam esperando para realizar a atividade cantavam em coro: “erra, erra, erra, erra”, sem que a professora interviesse. Além disso, quando um aluno errava era comum a professora falar: “Não consegue vai pra fila”, “ai meu deus como você é ruim” ou ainda vaiar.

Quem conseguia pular ficava o tempo que conseguisse permanecer sem errar. Quem não sabia ou conseguia, continuava sem saber ou conseguir; já quem sabia, “melhorava” cada vez mais. As diferenças aumentavam a cada dia. Além disso, o tempo de espera na fila foi cronometrado para ter uma idéia do quanto as crianças ficavam na fila. Surpreendentemente encontrou-se uma média de 4 minutos e 30 segundos.

Em uma das aulas a professora 2 levou um filme do “Urso Mágico” mas não fez nenhum a ligação “coerente” com a Educação Física; a preocupação era com o

silêncio dos alunos. Neste mesmo dia ela comentou para os alunos que não sairiam para o pátio, pois na aula anterior “você fizeram bagunça na fila, enquanto pulavam corda”. Neste mesmo dia observei que estava chovendo muito, então não havia a possibilidade de a aula ser no pátio. Neste momento fica a seguinte questão: será que o ficar na sala foi castigo pelo mau-comportamento da aula anterior ou porque estava chovendo?

Observando as aulas das duas professoras, vemos a possibilidade de se tratar diferentes conteúdos e conceitos. Desse modo são necessárias nas aulas de Educação Física ações pedagógicas que contribuam para a construção de novos conhecimentos a partir de diferentes atividades que tenham objetivos e metodologias.

Os objetivos podem contribuir para a constituição do pensamento dos alunos em suas formas mais complexas. Para isso voltamos a defender a necessidade de professores que estejam cientes do seu compromisso político de formadores. Não que isso seja suficiente, mas vai dar base para que o professor busque elementos – competência técnica – para sua ação pedagógica. Neste estudo de caso pôde-se observar a ligação entre a formação específica da professora com aulas de maior qualidade, num contraste com a atuação profissional da outra professora. Mas será que isto se repete em outras escolas? Fica aqui a proposta para futuras pesquisas que possam complementar este estudo.

Neste contexto gostaríamos de refletir se é compreensível encontrar nos dias de hoje, após todas as reflexões acadêmicas, leis, referenciais, planos curriculares, entre outros esforços analisados nesta pesquisa, uma Educação Física que não respeite o mundo infantil, não tenha objetivos claros e não assumam significância para os alunos?

Não podemos afirmar se isto ocorre em outros momentos da vida escolar dos alunos, mas o aparecimento de alguns elementos analisados neste estudo em específico nos preocupam, no sentido de que, se lutamos por uma educação que contribua para a completude da formação humana, pode a ação do professor ser descompromissada e sem a criticidade e reflexão necessárias para esse processo?

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E ENCAMINHAMENTOS FUTUROS

A Educação Física escolar vem sofrendo mudanças através do contexto sócio – histórico em que está inserida. Ela não pode ser tratada apenas como atividade física ou atividade recreativa, assim como encontramos em um determinado momento desta pesquisa. As atividades na escola devem adquirir conotação específica, assumindo o mesmo significado que as atividades realizadas fora dela. Trata-se de saberes sistematizados com objetivos significantes a partir de perspectivas e propostas pedagógicas definidas, presentes no cotidiano escolar. Segundo ROCKWELL e EZPELETA: “Uma das formas que ocultam o movimento real da sociedade é a distância entre as concepções ordenadas e correntes que descrevem as integrações maiores e o sentido das práticas reais nos espaços que as constituem”.(1985, p.115). Para tanto é necessário que os professores tenham objetivos pré-determinados para suas aulas.

Ao analisar o processo de ensino-aprendizagem devemos ter o entendimento que os indivíduos assimilam muito melhor quando um conteúdo torna-se significativo para eles, e para que isso ocorra não basta escolher o conteúdo adequado; é preciso que haja uma relação deste conteúdo e a realidade dos cidadãos que interagem com a sociedade e com o meio. Segundo RODULFO (1990, p.22) “quando um elemento adquire gravitação de significativo, no momento de sua introdução algo de novo se traça”. O que verificamos aqui é que isso não ocorre nas aulas de Educação Física de uma das professoras da escola observada.

Para que um conhecimento torne-se significativo para a criança, os professores de Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental precisam sociabilizar os saberes respeitando o mundo das crianças e a especificidade do campo de conhecimento. Além disso, cabe ressaltar a importância de se trabalhar com a Educação Física, pois a forma com que são sociabilizados os saberes nesta área de conhecimento, vão interferir diretamente na assimilação ou não desses saberes, pelos alunos.

Observamos neste caso que mesmo depois de todas as transformações que passou o sistema educacional e produções teóricas de estudiosos, ainda encontramos uma Educação Física sem sua especificidade. Encontramos

profissionais que não tem competência técnica para a atuação docente e mais que isso, sem compromisso político com a Educação.

Vemos a necessidade de políticas educacionais, discussões críticas e praticas pedagógicas que atendam aos interesses de todos, já que os modelos educacionais atuais estão providos de ideais neoliberalistas que procuram formar a população para o desenvolvimento do capital e manutenção do status quo.

Para isso o ponto de partida aqui foi a discussão sobre como socializar os saberes juntos aos alunos, com o intuito de auxiliar num processo de transformação da realidade em uma sociedade mais igualitária. Já sabemos que para isso devemos ter objetivos pré-determinados para o desenvolvimento de nossas atividades. Algumas outras questões emergem a partir destas reflexões, no sentido de pensarmos “o que ensinar” na Educação Física. Mas ao tentar responder esta questão devemos ir além; faz-se necessário o seguinte questionamento “o que os alunos querem se tornar? E quem queremos formar?”.

Não vamos tentar responder essas questões mas vemos já como base para uma futuro estudo a necessidade de se formar cidadãos críticos capazes de viabilizar uma transformação do mundo em que vivem. Para uma sociedade mais igualitária e feliz.

REFERÊNCIAS

BEHNKEN, I. Elemente von Handlungsforschung in der Lebenswelt-Untersuchung von Arbeitskindern. In: MUELLER, F. **Handlungsforschung im pädagogischen Feld**. München, 1979. p. 214-230.

BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRANDÃO, Carlos. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 9394/96**. Brasília: Senado Federal, 1996.

_____. Ministério da Educação e Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília : MEC, 1997

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Vol.1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2000.

CARVALHO, L.I., (1995). **Pré-escola municipal: assistencialismo, recreação ou trabalho pedagógico? Escola Municipal**, São Paulo, ano 18, n.13, p. 32-35.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CUNHA, Luis Antonio. **Educação Brasileira: projetos em disputa**. São Paulo: ED EDUSP, 1995

FERNÁNDEZ, A. **O saber em jogo: a psicopedagogia proporcionando autorias de pensamento**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

HERMIDA, Jorge Fernando. O Lugar da Educação Física na Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Trajetória, Limites e Perspectivas. **Revista Paranaense de Educação Física**, no. 01, Maio, 2000.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

KUNZ, Elenor. **Educação física: ensino & mudanças**. Ijuí RS: Unijuí Ed.,m 2001.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

OLIVEIRA, Vera Barros. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ROCWELL, Elise; EZPELETTA, Justa. A construção social da escola. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, 66 (152), jan./abr. 1985, p.106-119.

RODULFO, Ricardo. **O Brincar e o significativo: um estudo sobre a constituição precoce**. Ricardo Rodolfo; trad. De Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2003.

SOUZA, Edson e SHIGUNOV, Viktor. Reflexões sobre as abordagens pedagógicas em Educação Física. In: SHIGUNOV, Viktor e SHIGUNOV NETO, Alexandre. **A formação profissional e a prática pedagógica: ênfase nos professores de Educação Física**. Londrina: Midiograf, 2001.

SILVA, Eduardo Jorge Souza da. Educação Física como Componente Curricular na Educação Infantil: Elementos para uma Proposta de Ensino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.26, n.3, maio de 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovicth. **Pensamentos e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ANEXOS

ANEXO I

Idade: _____

Sexo: _____

- | | |
|------------------------|----------------------|
| - Formação: () Doutor | Ano Conclusão: _____ |
| () Mestre | Ano Conclusão: _____ |
| () Especialista | Ano Conclusão: _____ |
| () Graduado | Ano Conclusão: _____ |
| () Magistério | Ano Conclusão: _____ |
| () Ensino Médio | Ano Conclusão: _____ |
| () Graduando | Início: _____ |

- Área de formação: _____

- Séries que Trabalha: _____

- Carga Horária dentro desta Instituição: _____

- Tem vínculo empregatício com outra instituição ou empresa? Qual? O que sabe sobre ela? _____

- Há quanto tempo trabalha como professor de Educação Física? _____

- Tem conhecimento de Alguma Metodologia Específica da Educação Física? Qual?

- Utiliza alguma das metodologias específicas da área de atuação da Educação ou da Educação Física em suas aulas e planos de aula?

Se utiliza-se de alguma metodologia, o que? E de que forma? _____

Curitiba, ____ de _____ de 2005.

ANEXO II

Planejamento de Educação Física 2005-08-17/2º Semestre

Conteúdos:

- Ciclo1: > Danças folclóricas
 > Brincadeiras folclóricas e tradicionais
 > Jogos psicomotores, intelectivos, cooperativos, interpretativos
 > Habilidades motoras básicas
 > Atividades recreativas (gincanas, caça ao tesouro, circuitos...)
 > Construção de brinquedos e jogos
- Ciclo 2: > Danças folclóricas
 > Jogos motores, intelectivos, cooperativos, folclóricos, de desafio
 > Jogos pré-desportivos e iniciação esportiva. (2º etapa Ciclo 2)
 > Atividades recreativas (gincanas, caça ao tesouro, circuitos...)

Encaminhamento metodológico

Os conteúdos apresentados serão aprimorados e enriquecidos conforme a etapa. Alguns conteúdos serão desenvolvidos com maior ênfase em determinadas etapas devido à participação em projetos.

Será levado sempre em conta a

- > AÇÃO – REFLEXÃO – AÇÃO MELHORADA
- > Trabalho em grupo
- > Participação e cooperação aluno-professor
- > valorização de si (auto-estima) e do outro
- > Atividades em sala para aprimorar os conhecimentos adquiridos

Recursos

- > Materiais variados de educação física
- > Livros e textos informativos
- > Cd's, rádio...

Avaliação

Por meio de participação, atuação e intervenção dos alunos no andamento da aula, bem como da ação melhorada (reelaboração do conteúdo trabalhado – individualmente e em grupo).

ANEXO III

Relatório de Observações das aulas da Professora 1

Data 19/09/2005

Turma: 3º série "A"

- 1) Passar corda carrinho de mão (mão no joelho cuidado com as costas do colega).
- 2) Pular frente e trás na extensão da corda.
- 3) Pular de um lado para outro perpendicular a corda (dois pés juntos).
- 4) Colocar sentados para explicar.
 - Próxima aula trabalhar corda.
- 5) Tentar pular a corda grande.
 - Quem acertar fica até 10 vezes.
- 6) Tomar água e ir ao banheiro.

Conversa Final: "Próxima aula iniciaremos o atletismo."

Data 19/09/2005

Turma: 4º série "A"

- 1) Passar corda carrinho de mão
- 2) Passar a corda cruzando as pernas.
- 3) Pular de um lado para outro perpendicular a corda (pés cruzados, girando a cintura).
- 5) Pular a corda grande.
 - Quem acertar fica até 10 vezes.
- 6) Tomar água e ir ao banheiro.

Comentários da Professora: quase; você sabe; isso; olha falta pular com os dois pés juntos; você ta aprendendo; mais uma; aí ta bom.

Comentários dos alunos: - Foi legal?

- Eu gostei

Data 19/09/2005

Pré III "A"

Conversa inicial com os alunos sobre o assunto anterior – Corda familiarização.

Atividades:

- 1) Correndo na floresta quando encontrar a corda pular.
- 2) Idem, mas pular girando.
- 3) Idem 1, mas com um colega (mãos dadas).
- 4) Pular a corda colocando mais uma parte do corpo no chão.
- 5) Caranguejo passando corda (Animais).
- 6) Passar corda carrinho de mão (mão no joelho cuidado com as costas).
- 7) Pular frente e traz na extensão da corda.
- 8) Pular de um lado para outro perpendicular a corda (dois pés juntos).

Comentários da Professora: -mais para traz um pouquinho à fila; tem que dar uma esperadinha; certo; lembra quando a corda chegar no pé você pula; você consegue, quando olha a corda; muito bom.

20/09/2005

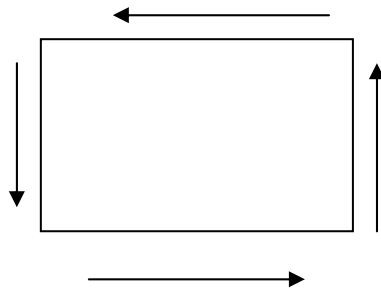
Turma: 4ª série "B"

Conteúdo: Atletismo – 2ª aula de Atletismo

- Conversa inicial, sobre o conteúdo que vai ser trabalhado em aula.

- 1) Aquecimento: Corrida em volta da quadra.
- 2) Alongamento membros inferiores.
- 3) Corrida de revezamento – 5 Filas – O primeiro com o bastão tem que passar para quem está a uma distância de mais ou menos 7 metros.
 - Demonstração Movimento.
 - Primeiro parado depois movimentando.
 - Padronização movimento espera, pé direito atrás.
 - Utilização apito.

4) Em volta da quadra os alunos em diferentes equipes nos cantos da quadra.



Conversa final: - Já tinha feito isso? Não
- Forma lúdica será na próxima aula

Data 20/09/2005

Turma: 3º "B"

Conversa inicial sobre a continuação do atletismo com conteúdo, em específico no dia de hoje, as corridas velocidade.

- Aula anterior revezamento.

1) Pega-pega em círculo.

- Respiração

2) Revezamento Locomotivo.

- Corre volta pega mais um amigo e volta aumentando.

- Primeira, Segunda e Terceira.

3) Novamente o primeiro da fila vai por último e o último por primeiro.

- Frequência cardíaca disparou.

- Sangue para coração mais para pernas ?

- Sentar bater palmas para explicar

4) Saída técnica do Atletismo.

- Comandos: aos seus lugares, prontos, apita.

- Só movimenta sem preocupação com técnica.

5) Corrida linha reta

- Corre volta por trás.

Comentários finais: - Tomar cuidado com os colegas em todos os momentos da vida.

Data 20/09/2005

Turma 3ª série "C"

Conversa: Assunto aula anterior - Corrida revezamento, hoje velocidade.

1) Pega-pega em círculo

- Trabalho em equipe.

2) Revezamento locomotivo

- Cuidado para não cair

- Cuidado para não correr muito

3) Saída do Atletismo

- Já viram corridas na televisão?

- O pai de um dos alunos é corredor, mas o comentário não é valorizado.

- Não pode por o joelho no chão.

Comandos: aos seus lugares, prontos, apito.

Todos os alunos vão tomar água no final da aula.

Data 20/09/2005

Turma: 4ª série "C"

1) Passar corda carrinho de mão

2) Passar a corda cruzando as pernas.

3) Pular de um lado para outro perpendicular a corda (pés cruzados, girando a cintura).

5) Pular a corda grande.

6) Tomar água e ir ao banheiro.

Comentários da Professora: "adorei o desenvolvimento da aula e próxima aula iniciaremos um esporte, o atletismo. Alguém conhece?"

Obs: a aula foi igual a aula da 4ª "A" no dia 19/09/2005.

Data 22/09/2005

Turma: 3ª série "C" (em sala)

- Só estojo em cima da mesa.
- Podemos começar? Todos levantem o braço e respirem fundo.
- Atletismo é o pai dos esportes (mostra uma figura representando gregos correndo, foto de 776 a.C.)
- Elementos Básicos: Correr, Saltar, Arremessar, Lançar.
- Retorno 1896 das Olimpíadas e curiosidades sobre ganhadores, mulheres participam 1928.
- Comentário sobre a antiga proibição de os Negros participarem do atletismo. E as boas colocações deles nos campeonatos atuais.
- Fibras musculares – após comentário de negros correm mais.
- Mais figuras: Saltos com vara; Salto em distância; Lançamento dardos; Revezamento da Pista.
- Ouve o que o aluno tem a falar.

Atividade: Desenhar uma das opções para colocar no edital:

CORRIDA

- com Barreira;
- de Revezamento;
- 100 metros;
- Maratona.

SALTOS

- com Vara;
- Alto Triplo;
- em Altura;
- Em Distância.

ARREMESSO

- Peso.

LANÇAMENTO – que legal ?

- Dardo;
- Disco;
- Martelo;

- Folhas pré-cortadas, explica utilização das folhas em toda sua extensão.

Data 22/09/2005

Turma: 3ª série "B"

As atividades foram as mesmas da aula anterior, na 3ª "C".

Podemos destacar aqui, que a professora deixou que os alunos comentassem sobre o que conhecem do atletismo, mas sem colocar em pauta para discussão. E ainda comentou que quando ela deixa os alunos falarem não querem parar mais.

Data 22/09/2005

Turma: 3ª série "A"

As atividades foram as mesmas da aula anterior, na 3ª "C" e 3ª "B".

Podemos destacar aqui, que a professora não deu abertura para os alunos comentarem, segundo ela, "os alunos começam a fazer bagunça."

Data 22/09/2005

Turma: 1ª série "B"

Roda para Explicar

1) Brincadeira do Splach dois amigos ficam com a bola (pegadores), quem eles encostarem a bola e está colado, para ser descolada tem que receber um abraço para ser descolado.

- Os limites da brincadeira são as linhas da quadra.
- Pausa
- Diz quem não foi pego e quem salvou e que temos que ter mais cooperação.
- Aluno diz durante a brincadeira: "me ajudem".

2) Pega-pegas em círculo: tem que ser bem amigo para salvar quem está em perigo. Um amigo tem que vir pegar o outro que está na roda. O pegador corre em volta da roda.

Comentários: - eu falei que não pode soltar as mãos ; esses piás tão muito frouxos (fracos).

Volta a calma com alongamento: Braços para cima.

Conversar sobre ajuda, pergunta para criança que a gente ajudou e os alunos citando: Respeito, Ajudar o amigo, Trabalhar em grupo.

3) Lembra sobre uma aula, do Castelo e do Príncipe com a corda. Pular de um lado para outro da corda (com os dois pés juntos), duas filas – separa uma fila de menino e a outra de menina.

- Agora frente trás e deslocamento lateral.
- Agora pulando de um lado para o outro com um pé só.
- Passando abre as pernas um pé de cada lado e depois cruza com os pés um de cada lado.

A professora ensina um menino que estava com dificuldade.

- Cada um vai inventar um jeito de passar pela corda, surgiram: Estrelas, Saltos, Cruzando Pernas, Pulando num pé só, em quatro apoios.

A professora pede: Uma salva de palmas pra vocês.

- Agora de um jeito engraçado, surge: Sapo, Parada de mão, (a professora fala: Pode ser de costas com a mão no chão. – Caranguejo, frente, costa, equilibrando.

4) A professora e um aluno seguram a corda e os outros têm que saltar por cima.

- A professora fala para outro aluno segurar a corda para o que estava segurando poder saltar.

- Faz com diferentes alturas e sempre muda quem segura.
- Agora passar por cima de um jeito diferente.
- Separa em duas filas, meninos e meninas e os próprios alunos se organizam nas filas.

A professora: Pega na mão e ajuda o aluno no tempo de espera da corda e ele consegue.

Conversa final.

- Gostaram, foi legal, quem aprendeu e não sabia?

Data 23/09/2005

Turma: 4ª série "C"

Conversa inicial:

1) Pega-pega em círculo:

Conversa sobre, quantas barreiras existem: deixou os alunos falarem o que pesquisaram em 1 trabalho inicial.

2) Circuito pulando por cima da caixa e de madeiras equilibrando em cima de cones (deitados) em volta da quadra.

- Quando uma menina cai, a professora não deixa que façam comentários ruins.

- Mostra o movimento, esticar perna da frente puxando a de trás, jogando braços para frente.

. As filas estão organizadas não precisa chamar atenção.

3) Passar as barreiras de diferentes formas.

4) Aumenta a altura dos obstáculos.

- Falando sobre a altura oficial

- Formas lúdicas da corrida com barreira, através de elementos existentes na vida cotidiana (buracos, pedra).

* As turmas de 4º série fizeram um trabalho sobre as modalidades do atletismo. Mas apenas 10 alunos desta turma fizeram

Data 23/09/2005

Turma: 4ª série "B"

Conversa inicial sobre a corrida com barreira e o trabalho.

- Alongamento que contemplando principalmente os membros interiores.

Idem a aula anterior da 4º "C"

* Apenas quatro alunos fizeram o trabalho.

Data 23/09/2005

Turma: 4ª série "A"

- Conversa inicial sobre a corrida com barreira e o trabalho.

- Alongamento que contando principalmente os membros interiores.

Idem a aula anterior da 4º “C”

Comentários da aula: Não se pode vaiar o colega, quando derruba, pois quando caímos podemos nos machucar e não tem porque querer o mal de alguém.

* Apenas sete alunos fizeram o trabalho sobre as modalidades do atletismo.

Data 23/09/2005

Turma: Pré “A”

A professora conversa sobre a aula anterior onde estavam utilizando a corda.

- 1) Ela segura a corda com outro aluno, e os demais precisam saltar.
- 2) No segundo momento os alunos precisam passar por baixo
- 3) Pular a corda colocando a mão no chão.

Ela deixa que os alunos criem.

- 4) Os alunos precisam inventar uma forma diferente de passar a corda.

Ela comenta que adorou a aula e pergunta se as crianças gostaram.

Data 26/09/2005

Turma: 1ª série “B”

Roda para Explicar

- 1) Brincadeira do Splach: 2 amigos ficam com a bola (pegador) e quem eles encostarem a bola (falando splach) está colada par ser descolada tem que receber um abraço.

Os limites da brincadeira são as linhas da quadra.

Pausa: Pergunta, “quem não foi pego? Quem salvou?” e “que temos que ter mais cooperação.”

-Aluno comenta durante a brincadeira: “me ajudem”

- 2) Pega-pega em círculo: tem que ser bem amigo para salvar quem está em perigo. Um amigo tem que vir pegar o outro que está na roda. O pegador corre em volta da roda.

-Soltam a mão e a professora: “O que está acontecendo aqui? Eu não falei que não pode soltar, esses meninos tão muitos frouxos. Eu não vou mais brincar com vocês, se soltares a mão novamente, não brincamos mais”. Aí bom.

- Menina consegue pegar e pede palmas para a menina.
- Acalma com alongamento, braço para cima.

Conversa sobre ajuda pergunta para crianças que a gente ajuda e os alunos são citando: Respeito, ajudar o amigo, trabalhar em grupo.

3) Lembra da aula do Castelo e do príncipe com a corda.

Pular de um lado para outro da corda (com os 2 pés juntos) duas filas, separa uma fila menino outra menina.

- Corda grande
- Agora frente traz e deslocamento lateral.
- Agora pulando um lado para outro com um pé só.
- Passando abre as pernas 1 pé de cada lado e depois cruza com os pés um de cada lado.

-A professora ensina um menino que estava com dificuldade.

- Cada um vai inventar um jeito de passar pela corda surgiram: Estrelas, saltos, cruzando pernas, pulando num pé só, em 4 apoios – Salmas de palmas para vocês.

- Agora de um jeito engraçado, surge: sapa, parada de mão, a professora fala pode ser de costas com a mão no chão aí: caranguejo frente com costas, equilibrando.

4) A professora e um aluno seguram a corda e os outros têm que saltar por cima.

- A professora fala para outro segurar para o amigo saltar.
- Faz com diferentes alturas e sempre muda quem segura.
- Agora passar por cima de outra forma criada pelos alunos.
- Separe em 2 filas, meninas e meninos, interessante destacar que os próprios alunos se organizam nas filas.

5) Agora cada um pula a corda 3 vezes e sai e vais para outro lado.

- Calma pula espera.
- Isso.
- Pega na mão e ajuda o aluno no tempo de espera da corda e ele consegue.

Conversa final gostaram? Foi legal? Quem aprendeu e não sabia?

Data 26/09/2005

Turma: 3ª série "A"

Está chovendo, a aula será realizada em um pátio coberto da escola.

Conversa Inicial: Hoje faremos a prática das corridas de Velocidade.

1)Atividade: Pega-pega em círculo

- Alunos descubrem que podem girar para os dois lados.

2)Corrida Locomotiva – 5 filas

- o primeiro da fila corre até o cone e volta (de costas) na vez seguinte corre com o colega segurando em sua cintura, cada vez que eles correm aumenta o tamanho da locomotiva.

Professora: "O combinado é quando bato palmas parou".

- Coloca-os sentados para conversar.

3) Saída do Atletismo

- Quem assistiu corrida na TV e viu a Corrida de Velocidade? Qual é a posição?

- Eles saem abaixados.
- A professora mostra a saída baixa, fala sobre os comandos:
- A seus lugares, prontos, apito.

4) Faz saída baixa com as cinco filas divididas

1-) Abaixa; 2-) Levanta o quadril; 3-) Apito - Largada.

5) Maestro (um faz o gesto relacionado ao atletismo, um aluno sai e tem que adivinhar quem começou a fazer o gesto). Os alunos não adivinham e a professora intervém dizendo quem era.

6) Pensar provas do Atletismo, quem pensou em Salto com Vara – pode ir ao banheiro, quem pensou em Maratona – vai ao banheiro, quem pensou em Salto em Altura - pode ir ao banheiro, quem pensou em Corrida de Velocidade - vai ao banheiro quem pensou em Corrida com Barreiras -pode ir ao banheiro.

Data 26/09/2005

Turma: 4ª série "A"

Comentário inicial sobre conteúdo, salto em distância.

1) Alongamento: membros inferiores.

2) Correr em volta da quadra, quando encontrar um arco, salta –o e agacha como um sapinho.

3) Correr, dar o último passo no arco, saltar e agachar.

- Explicação salto em distância, 3 momentos: 1) Corrida de aproximação, 2) Vôo, 3) Queda mais distante.

- Fila de menina e de menino.

4) Correr, dar o último passo arco e agachar no colchão (um de cada vez).

- Explicar melhora a técnica.

5) Idem a 4 mais longe.

6) Mesma atividade, orientação pegar mais velocidade.

O menino, segundo a professora, “tem que querer”, pois todos conseguem.

- Fala sobre marcação e última parte do corpo a encostar-se ao chão.

7) Alongamento.

Data 26/09/2005

Turma: Pré “A”

A professora fica aguardando duas professoras que vão vir conversar com os alunos sobre as eleições para diretoria da escola. Elas expõem suas propostas e ficam conversando com os alunos. Neste dia houve? aula de Educação Física.

Data 27/09/2005

Turma: 4ª série “B”

A aula teve as mesmas atividades da aula da 4º “A” do dia 26/09/2005, mas ao final a professora pede que alguns alunos repitam o movimento enquanto todos vão observar, segundo ela esses alunos têm uma habilidade maior para este movimento. Esta aula difere da anterior da 4º série por não ter alongamento ao final.

Data 27/09/2005

Turma: 3ª série “B”

A aula foi muito semelhante a do dia 26/09 com a 3º A, mas um comentário é importante ressaltar.

- Quem assistiu corrida na TV e viu a Corrida de Velocidade? Qual é a posição?

Data 27/09/2005

Turma: 3ª série "C"

A professora repete as atividades da aula anterior, mas é interessante ressaltar que durante a aula ela separa dois alunos que estão conversando e os coloca separados do lado com braço pra trás.

Data 27/09/2005

Turma: 4ª série "C"

A aula teve as mesmas atividades da aula da 4º "A" do dia 26/09/2005, mas ao final a professora faz uma mini competição, onde os alunos vão tentar verificar quem salta mais longe. Ela ressalta que "existem diferentes pessoas que tem diferentes habilidades".

Aulas dos dias 29 e 30 de 09/2005

Turmas: 3º "C", 3º "B", 3º "A", 4ª "C", 4º "B" e 4º "A".

Estas turmas fizeram uma prova escrita sobre os conhecimentos aprendidos em aula sobre o atletismo, incluindo a história duas modalidades esportivas, nome de atletas e um desenho de alguma das modalidades.

Relatório de Observações das aulas da Professora 2

Data 17/19/2005

Turma: 1º série "A"

1) Fila reta e única onde os alunos precisam correr e pular a corda em uma altura "x".

- Correr para pular.

2) Balançar a corda e passar correndo.

- Comentários da professora: - "Correr rápido senão não consegue", "ai meu Deus como se fosse difícil".

3) Tentar passar a corda que está rodando: mas quase ninguém conseguiu então vamos ter que fazer de volta. – “Arrumem a fila vamos”, “olha o barulho”.

4) Tentar pular a corda.

Obs: A criança que não erra fica bastante tempo e a que não sabe sai rápido; todos os alunos vão ao banheiro e tomar água juntas.

Data 17/09/2005

Turma: 2º série “B”

1) Fila – Passar a corda (direto).

- Diferentes balanços.
- Quando erram os alunos são vaiados por todos, inclusive a professora.
- Expressões de indignação da professora quando se encostar na corda.
- Vaias se repetem
- “Ir presta atenção, ai meu deus, aqui em cima, tem que esperar”.
- “Chega, entra na fila, lá”.

2) Pular a corda, repetidamente.

- Quem consegue fica até errar.
- Um dos meninos fica 9 minutos.
- A turma canta: Errou, errou, errou, errou...

Data 20/09/05

Turma: 2ª série “A”

Passar a corda

1) Passar a corda que está balançando – não passa, risos.

Organização em filas.

2) Passar a corda pulando, enquanto ela gira.

- Demora na fila.
- “Se fizer bagunça, a professora gira rápido para o bagunceiro gira rápido para você”.
- Professora fica girando a corda a maior parte do tempo.
- Próxima aula tem mais.

Data 20/09/2005

Turma: 2ª série “B”

Repete a aula anterior.

E os comentários se repetem:

- ihuu...(para menino quando encosta)
- menina erra e chora, a professora pega na mão da aluna e vai junto. Mas a menina erra novamente, a professora fala – Isso. E deixa o erro passar despercebido.
- Arrumar a fila umas 7 vezes.

Data 22/09/2005

Turma 2ª série “A”

Conversa inicial: vimos pular corda várias formas nas duas últimas aulas, hoje vamos recapitular.

1)Pular a corda em uma determinada altura.

- Se não correr vou erguer a corda.
- Tira essa mão do bolso.
- Cuidado para não tropeçar se não pode quebrar o pé.

2)Pular a corda balançando

- 4 alunos foram para o reforço e não participaram da aula, isso não tem uma periodicidade, mas dois deles sempre vão.

3)Passar a corda (que está rodando) correndo.

- Orientação para que corram senão vai girar rápido

4)Pula uma vez na corda e sai

- “Anda, anda, anda, corre”.

5)Entra pula até errar e sai

- Quem sabe fica bastante
- Quem não sabe sai
- A maioria dos alunos está com tênis, apenas duas meninas estão com bota de salto.

Data 22/09/2005

Turma 1ª série "A"

Idem à aula anterior com a corda, mas houve novos comentários como:

- "Porque você não aprende".
- "Tá muito difícil".

Data 23/09/2005

Turma: Pré III "B"

Conversa inicial sobre as atividades de corda.

- 1) Pular a corda em uma determinada altura.
- 2) Pular a corda Balançar.
- 3) Passa a corda que está rodando.

Comentário professora: - Vamos tem que conseguir!

- 4) Pular uma vez a corda e sair, mas os alunos não conseguem, então "vamos fazer outra coisa".
- 5) Pular até errar e sai.

Novamente a preocupação da professora é com a fila.

Data 26/09/2005

Turma: Pré III "B"

Os alunos assistiram ao filme, "O Urso Mágico". A professora apenas pede que todos os alunos fiquem em silêncio.

Ela não comenta o porque de estarem assistindo o filme.

No final da aula ela comenta que continuarão na próxima aula.

Nos dias 26, 27, 29 e 30 de 09/2005, a professora passa o filme citado na aula do dia 26/09/2005. Os comentários são semelhantes, a professora quer que os alunos fiquem em silêncio e que prestem atenção no filme, caso comecem a conversar ela desligará a televisão.